

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**DE BLAU NUNES A JOÃO GUEDES: O IMAGINÁRIO
E AS REPRESENTAÇÕES DO GAÚCHO EM
“CONTOS GAUCHESCOS” (1912) E “PORTEIRA
FECHADA” (1944)**

TEXTO DE MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

GUILHERME HOWES NETO

SANTA MARIA – 2011

**DE BLAU NUNES A JOÃO GUEDES: O IMAGINÁRIO E AS
REPRESENTAÇÕES DO GAÚCHO EM “CONTOS
GAUCHESCOS” (1912) E “PORTEIRA FECHADA” (1944)**

Por

Guilherme Howes Neto

Texto de monografia apresentado ao Curso de Especialização em História do Brasil do Programa de Pós Graduação em História / Área de Concentração História Regional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em História do Brasil**

Vítor Otávio Fernandes Biasoli

SANTA MARIA – RS – BRASIL

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós Graduação em História**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Texto de Monografia de Especialização

**De Blau Nunes a João Guedes: o imaginário e as representações
do gaúcho em “Contos gauchescos” (1912) e “Porteira fechada”
(1944)**

elaborada por
Guilherme Howes Neto

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Vitor Otávio Fernandes Biasoli, Dr (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr (UFSM)
(Membro da Banca)

Luis Augusto Farinatti, Dr (UFSM)
(Membro da Banca)

Santa Maria, 24 de fevereiro de 2011.

Dedico este trabalho à memória do Professor Luiz Eugênio Véscio.

Agradeço à Flávia, Maria Fernanda e João Gabriel,
por quem tudo faz sentido.

Ao Professor Vítor,
pela paciência e orientação.

"enquanto os leões não tiverem seu historiador,
as narrativas da caçada glorificarão apenas o caçador"
provérbio iorubano.

RESUMO

Esse trabalho busca uma aproximação entre a história e a literatura. Visa refletir acerca do imaginário e das representações sobre o gaúcho – o herói campeiro e o peão de estância – em meados do século XX, tomando como matrizes literárias, as obras *Contos Gauchescos* (1912), de João Simões Lopes Neto e *Porteira Fechada* (1944), de Cyro Martins. Faz uma breve discussão teórica sobre o estado da questão, neste momento, no sentido de reafirmar que fontes literárias podem servir de subsídio para a história, desde que bem delimitados os seus campos de atuação.

Inseridas essas obras em um período histórico em que o *gauchismo* passa a ser tratado como um objeto de culto e não mais somente como objeto ou tema de estudo historiográfico ou literário, busco nos personagens *Blau Nunes* e *João Guedes*, protagonistas das obras, compreender e refletir sobre o imaginário e sobre as representações, construídas a partir deles como possíveis sujeitos históricos, acerca do pampa simbólico, da estância, do elemento humano, ancorado no universo do trabalhador rural da campanha gaúcha.

Na intenção de fazer uma leitura desse momento histórico, proponho, a partir desses autores, e de seus personagens, fazer um exercício de aproximação da obra ficcional com a história do trabalhador rural do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX, apresentando um quadro humano e individualizado de quais motivações levaram o *gaúcho* a assumir um papel de herói, e não herói, metonímico do campeiro, que remete à figura emblemática e representativa do homem do campo, do peão de estância.

Palavras chave: **peão, literatura, história.**

SUMÁRIO

De Blau Nunes a João Guedes: o imaginário e as representações do gaúcho em “Contos gauchescos” (1912) e “Porteira fechada” (1944).

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	9
CAPÍTULO I.....	18
JOÃO GUEDES – O GAÚCHO A PÉ.....	18
CAPÍTULO II.....	30
BLAU NUNES – O VAQUEANO.....	30
CAPÍTULO III.....	41
DE BLAU A JOÃO – O PEÃO HOJE.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
FONTES DISCOGRÁFICAS.....	57

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No dia 05 de agosto de 2008 celebrou-se o centenário do nascimento do escritor Cyro dos Santos Martins, o autor de obras como a Trilogia do Gaúcho a Pé. Cyro Martins nasceu em Quaraí, em 1908, e viveu até dezembro de 1995. Literato desde muito jovem, escreveu os primeiros contos já aos quinze anos. Forma-se médico aos vinte e seis anos e aos quarenta e sete, especializa-se em psiquiatria e psicanálise.

As três obras que compõem a sua trilogia foram compostas em diferentes fases de sua vida. A primeira delas, *Sem Rumo*, que conta a história do protagonista *Chiru*, é de 1933, *Porteira Fechada*, do peão *João Guedes*, de 1944 e *Estrada Nova*, que narra a trajetória de *Janguta* e seu filho *Ricardo*, de 1954. Como afirma o próprio Cyro no prefácio de *Sem Rumo* (2008), *essa trilogia que não nasceu trilogia*, mas assim passou a ser denominado pelo mercado editorial, e ao longo dos anos,

enriqueceu-se de densidade humana de livro para livro, (...) quase todas as figuras representativas das diversas camadas da população da campanha rio-grandense das cidades estão, aí, em desfile, com o seu pitoresco, com as suas altaneiras, com seus trapos, com suas humilhações, enfim, com os seus aspectos formais e essenciais, principalmente. (Martins, 2008. p. 20).

O gaúcho, peão de estância, descrito nas páginas de Cyro, em nada remete aos homens da campanha, heróis, por exemplo, da obra *Contos Gauchescos* (1912), de João Simões Lopes Neto. Blau Nunes, o *vaqueano*, é uma espécie de super-homem do campo aberto, ao passo que João Guedes, de Cyro Martins, é o espoliado, expulso de sua terra, desfeito de seu cavalo, torna-se um *gaúcho a pé*¹, destituído de sua identidade. Ambas as personagens estão ancoradas no mesmo universo rural, primitivo, pastoril da campanha sul rio-grandense. Entretanto são diferentes na maneira como vivenciam e como representam suas práticas, sua cultura, e a sua própria vida.

Tenciono fazer desta aproximação entre a História e a Literatura, um exercício

¹ Termo cunhado pelo próprio Cyro Martins, em 1935, quando afirma que a literatura “*afinou minha sensibilidade para a pesquisa da alma humana, sobretudo porque nunca fiz regionalismo no sentido pitoresco e sim para buscar o que havia de universal naquele homem singular que era o gaúcho a pé.*” (Instituto Estadual do Livro, 1995. p. 6).

possível. Para as ciências humanas de maneira geral, a obra de Cyro interessa na medida em que apresenta um panorama da cultura, de uma gente e de um lugar, em um determinado tempo. Entretanto, a obra é uma narrativa literária, não se inserindo, portanto, no campo da historiografia. E é nesse ponto que reside o problema da possibilidade. A historiadora Sandra Pesavento, professora da UFRGS, apontava que

a narrativa ficcional de Cyro Martins (...), pode fazer a própria história se questionar.(...) pode alertar ao historiador que a literatura lhe serve como traço, indício, registro, fonte, porque não? Não para encontrar fatos ou confirmar presenças de personagens, mas para poder dar a ver sensibilidades de um outro tempo, para possibilitar o entendimento de como os homens representavam a si próprios e ao mundo em uma determinada época. (<<http://www.celpcyro.org.br>>)

Ao ler a história de João Guedes, personagem central de *Porteira Fechada*, entende-se que a narrativa ficcional do autor não está em sintonia com o discurso histórico da época e tampouco em correspondência com as representações acerca do gaúcho campeiro, idealizado pela literatura, pela poesia e pelos movimentos culturais, endossados por aquele discurso oficial da história. Quero re-afirmar aqui que essa posição teórico-metodológica foi uma escolha. Há a disposição de um pesquisador que se lança a campo para explorar o universo que me propus a investigar, uma série de outros dados, relatos orais, documento de época, material jornalístico, além, é claro, da própria historiografia a respeito do assunto. Entretanto optei por esta forma específica em meu trabalho monográfico: ancorar a construção do imaginário e das representações do gaúcho homem do campo, peão de estância, na narrativa literária de *Porteira Fechada* e de *Contos Gauchescos*. Os protagonistas de cada uma dessas obras serão meus “informantes” de um tempo histórico, de um lugar e de uma identidade. Respeitando os limites entre a História e a Literatura aqui expostos, proponho construir minha narrativa a partir dessas personagens, seu trabalho, suas histórias e suas vivências.

Outra questão metodológica a ser ressaltada aqui é definir o que estou denominando por Literatura. A narrativa literária refere-se a um conjunto de escritos, via de regra ficcional, que adquiriu certa autonomia e especialização no mundo contemporâneo, cuja principal função desse indivíduo denominado “escritor” é sua experiência com a linguagem e a sua interação com o público leitor. Segundo a antropóloga Adriana Facina: *É através da linguagem que o escritor se apropria do*

mundo e inventa a sua própria realidade (Facina, 2004, p. 8). A pesquisadora lembra que esses autores são de forma geral escritores das mais diversas formas², mas possuem em comum o fato de possuírem uma preocupação especial com a estética do texto e com a linguagem. Mesmo assim *é necessário para aqueles que pesquisam literatura e literatos historicizar radicalmente seu objeto* (idem, p. 9), entendendo que tanto a obra quanto o autor são historicamente situados³, produtos de seu tempo e de sua sociedade.

Compreendido dessa forma a literatura é por mim abordada como um produto histórico, que expressa realidades e pertencimentos também históricos e não somente elementos universais e atemporais. Sendo assim, tomar como objeto de estudo as “visões de mundo” e representações contidas em um discurso literário, pressupõe situar autor e obra histórica e socialmente a fim de analisar as condições de sua produção.

A História não nos basta e queremos pular suas janelas estreitas. A Literatura nos traz um sopro de vida e humanidade e dela nos servimos para alcançar o dado subjetivo da existência. Fundimos Literatura e História e pensamos alcançar – de forma mais clara – o drama humano. (...) Construimos relatos para alcançar a vida. (Biasoli *in* Vêscio, 1995. Apresentação).

Assim é minha tentativa de compreender o *drama humano* relatado pelo pesquisador. Esses relatos aos quais ele se refere são narrativas que dão conta de um tempo e de um espaço vividos e sentidos. E as narrativas, enquanto manifestação de uma linguagem, são formas racionais de apreensão da realidade, e isso é válido tanto para o discurso histórico quanto para o discurso ficcional.

Evidentemente João Guedes não é um personagem histórico. Mas ao representar um tipo social, o peão de estância, aí sim, um tipo humano com evidência histórica, o peão João Guedes desencadeia uma série de ações, verossímeis, possíveis, coerentes, que dão conta de uma realidade, imaginada e simulada pelo autor, e re-vivida pelo exercício da leitura. Assim sendo, João Guedes é por mim tomado como uma espécie de informante desse tempo histórico, um interlocutor capaz de me fornecer informações de um espaço e de um tempo que

² Crônicas, romances, poesias, peças teatrais, etc.

³ Isso implica situar autor e obra em seu tempo e contexto. Definir o lugar de onde foi produzida, escrita. Em quais veículos eram publicadas. A que público atingia e a quem o autor se dirigia textualmente ou sub-liminarmente, seus interlocutores, temáticas, entre outros.

busco compreender. Cabe aqui esclarecer o que entendo por representação: entendo re-presentação como a presentificação de uma ausência, uma ação positiva na produção de significados, que a partir da imaginação, de uma atividade criativa, se produz interações reais no mundo real. Com isso, estabeleço que a representação ficcional do gaúcho campeiro na obra de Cyro Martins, certamente não possui estatuto de verdade histórica, mas ao representar esta realidade, o discurso literário cria uma coerência de sentido e fornece uma versão possível e plausível do real. Dessa forma, retomando Pesavento, *a narrativa literária (ou poética) fala do que poderia ter acontecido, e não aconteceu, domínio este reservado ao discurso histórico* (<<http://www.celpcyro.org.br>>). Dito de outra forma, não é necessário haver correspondência entre o discurso literário e a realidade, mas é necessário ser plausível, criando um eixo coerente entre a narrativa e a leitura, entre o autor e o leitor.

Segundo Carlos Jorge Appel, professor de Literatura, *Na recriação da realidade, na construção do universo ficcional (...), os pontos de vista dum autor não podem ser considerados frutos de uma decisão pessoal, dependendo apenas de sua subjetividade* (<<http://www.celpcyro.org.br>>). Para Appel, incide no modo de representar a realidade, as condições histórico-culturais, os hábitos, os costumes, assim como demais condições subjetivas que possam ter influenciado o autor no momento da criação. Essa subjetividade, essa relação intrínseca entre autor-tempo-espço, ao contrário de desmerecer o valor histórico-literário da obra, a valoriza. Essa relação indelével do autor com as condições em que compôs sua narrativa é justamente o que dá à obra seu caráter documental, de uma espécie de “fotografia” de um determinado instante.

Não quero com isso, estabelecer hierarquias sobre verdades históricas, procurar essencialidades, legitimar autenticidades, ou investigar qual o “verdadeiro” gaúcho. Interesse-me, isto sim, em refletir sobre aquela interface entre a História e a Literatura. Nesse sentido, entendo que a História não deva prescindir de um diálogo com a Literatura. Via de regra, esta última, possui a dinâmica das narrativas, possibilita interpretações, constrói discursos sobre o real, produz não só representações, mas práticas, que suscitam a reflexão e o debate, descortinando novos ângulos de análise sobre o mundo, sobre os homens e sobre um determinado tempo.

Guilhermino Cesar, escritor e crítico literário, escreveu na 5ª edição de *Campo Fora*⁴, que Cyro era um homem que dominava sua língua, *dela fazendo um tecido harmonioso (...), admirável escritor rio-grandense recria a vida sem pressa, (...) um artesão consciente, mergulha no cerne psicológico, no complexo da alma humana.* Guilhermino Cesar identifica que o peculiar na obra de Cyro Martins é a maneira como narra suas histórias, *amorosamente, (...) ao jeito do prosadores.* (<<http://www.celpcyro.org.br>>)

Cyro Martins insere-se na escola de literatura pós-romântica, pós anos 30, porém ainda impregnada pelo Romantismo. Lembra a autora Elizabeth Pires Rizzato⁵, professora de Literatura da UNISC, que na época em que Cyro começa compor sua trilogia

O gaúcho é mostrado como um homem cheio de qualidade. Habitante da região da Campanha, sentia-se dono da imensidão geográfica, identificando-se com a terra, e dividindo o seu tempo entre a faina pastoril e a guerra. Ele é esculpido por esse espaço que faz dele um guerreiro e um campeiro. (<<http://www.celpcyro.org.br>>)

A autora afirma que Cyro utiliza o mesmo tipo social usado nas décadas anteriores por outros escritores regionalistas, no entanto, o gaúcho peão de estância apresenta-se em Cyro Martins despido de suas glórias, decadente e espoliado. A estância, o galpão, o cavalo, a fartura, são substituídos pelo subúrbio urbano, a casinha de tábuas, o desemprego, as agruras e a fome. O ideal de campo aberto e sem dono, dá lugar ao latifúndio, ao êxodo, o despovoamento à depauperação.

O pai de Cyro, Sr. Apolinário dos Santos Martins, fora dono de uma venda no Município de Quaraí. Nosso autor viveu a sua infância assistindo às cenas detrás do balcão do *bolicho*⁶ de seu pai. De lá, o autor buscou alguns de seus personagens: *Debruçado no balcão. Alguns dos primeiros contos e crônicas eu os escrevi naquela posição, em papel de embrulho* (Martins, 1990. p. 14). Bem como de lá, possivelmente tenha construído uma idéia muito distinta, acerca do gaúcho campeiro, peões de estância, daquelas dos livros de literatura regionalista aos quais

⁴ Primeira obra de Cyro Martins, composta de contos regionais, a que ele próprio denominava de "livrinho", editada pela primeira vez, em 1935.

⁵ Departamento de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul e Assessora de Educação à Distância da UNISC. Dissertou sobre Cyro Martins e *O Gaúcho a pé – um processo de desmitificação*. Ed. Movimento/FISC, Porto Alegre: 1985.

⁶ Bar, vendinha, bodega. (Bossle, 2003. p. 86).

teve acesso. Distinto, portanto, daquele herói montado a cavalo, sadio e bravo, consumidor de churrasco.

Já foi dito, a propósito de *Porteira Fechada*, que eu, ao dramatizar de modo tão chocante a humilhação e a miséria do “gaúcho a pé”, estaria, até certo ponto, negando nossas tradições. (...) A minha temática, nos livros aludidos, foi inspirada na vida na campanha da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul, flagrada na decadência das tradições gauchescas. (Martins, 2008. p. 20).

Conheci um sem número de Chirus⁷, na campanha e na cidade, engrossando as coroas de miséria. Indivíduos bons de índole, mas desarmados para lutar por uma vida melhor. Muitos se arranchavam, tinham filhos. E os iam criando até onde dava, a fressuras fervidas, no tempo dos saladeiros, e a gajeta e rapadura. (...) Mas a verminose, as infecções próprias da infância e a tuberculose que pairava sobre a aldeia como uma nuvem carregada de ameaças, daí a pouco começavam a ceifá-los. (Martins, 1990, p. 63).

Moacyr Scliar, médico e escritor, lembra da vida de Cyro, ao iniciar-se na Medicina em sua cidade natal e o quanto essas experiências podem ter influenciado na construção de suas personagens. *A experiência do doutorzinho recém formado, na pobre e pequena Quaraí, fazendo a ‘clínica dos três pés’: parentes, pobres, putas. Era uma medicina precária, carente de recursos da capital; mas rica de ensinamentos.* (<<http://www.celpcyro.org.br>>)

João Simões Lopes Neto viveu de 1865 até 1916. A obra *Contos Gauchescos* foi lançada ainda em vida, mas o autor só alcançou notoriedade editorial postumamente. Ela se deu com o lançamento de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, em 1949 pela Editora Globo, por Augusto Mayer. João Simões Lopes Neto era pelotense nascido na Estância da Graça que pertencia ao seu avô parterno⁸. No começo da adolescência foi estudar no colégio Abílio, no Rio de Janeiro. Quando terminou os estudos retornou à sua cidade natal e empreendeu uma série de negócios e comércios. Trabalhou como jornalista para jornais da cidade e já perto de sua morte dedicava-se quase que exclusivamente a escrever. (Chiappini, 1988. Parte I)

A principal temática de João Simões Lopes Neto era o gaúcho, seus usos e

⁷ Referência ao personagem central da primeira obra da Trilogia, Sem Rumo.

⁸ Visconde da Graça, homem de posses em Pelotas. Homem empreendedor, de grande prestígio e enorme influência política, chegou a ser vice governador da província. Foi também fundador da Biblioteca Pública Pelotense. (Diniz, 2003. p. 30)

costumes. Buscava uma *identificação amorosa com seu objeto: o Rio Grande do Sul, o peão de estância, suas histórias, seu imaginário, suas crenças, sua fala* (Chiappini, 1988. p. 4). A obra simoniana⁹ se insere num projeto de literatura regionalista emergente e está sintonizada com a construção de uma literatura brasileira autônoma, alinhada ao gosto do romantismo e do projeto político de então, que retrata um homem e um campo virtuosos.

Já em seus primeiros manuscritos, citados por Diniz (2003) há anotações praticamente autobiográficas. Esse material, denominado *Recordações da Infância*, dá conta de uma narrativa em primeira pessoa:

O conteúdo desse manuscrito de vinte e sete páginas, no entanto, era muito mais vasto e harmonioso na sua composição. São relatos de um menino em férias, na fazenda dos pais, falando de costumes, domas, rodeios, desafios, recolhidas da gadaria, as lidas diárias dos campeiros, desde o romper da aurora, com os animais e com a faina da estância, e do vozerio dos galpões, à beira do fogo (DINIZ, 2003, p. 129)

O final do século XIX foi o período de apogeu econômico da cidade de Pelotas¹⁰. Foi nesse cenário que nasceu e cresceu o autor, immortalizando em sua obra a identidade do peão de estância como a figura emblemática de um gaúcho herói. *Assim, por exemplo, já a biografia constitui uma espécie de manancial de onde, qual cartola de mágico, é possível extrair várias conclusões, sobre a obra e sua inserção na história e sobre a história inserta na obra* (Chiappini, 1988. p. 5).

Estabelecida essas duas referências literárias, este trabalho busca articula-las com a pesquisa empírica que realizei com peões de estância¹¹, em estâncias da Região Central do Estado e também em estâncias na Fronteira. Uma pesquisa que também se deu entre tradicionalistas¹², que são pessoas que acionam essas identidades gaúchas referentes ao homem campeiro, ao universo das estâncias. Por

⁹ Referente à obra de João Simões Lopes Neto.

¹⁰ Historiadores afirmam que Pelotas vivenciou o seu auge econômico, social, urbano e cultural entre as décadas de 1860 e 1890.

¹¹ *A construção do tradicionalismo pelo MTG*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais (UFSM – 2006). *De bota e bombacha: Um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia (UFSM – 2009).

¹² Existe uma série de iniciativas que acionam esse sentimento de *gauchismo*, que remete às identidades do homem campeiro, do universo rural, das estâncias, da campanha. O Tradicionalismo, entendido de maneira mais formal, insere-se no contexto e no controle do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), e outros, com iniciativas mais independentes das formalidades do MTG, mas que invocam e remetem, da mesma forma, àquelas mesmas identidades.

essa razão compreendo a maneira pela qual Cyro teve contato com homens de “carne e osso”, pessoas “reais”, expulsas dos campos, com suas mazelas, suas vicissitudes, com seus cotidianos miseráveis, porém, verdadeiros. Diferentes, portanto, da imagem do peão de estância, herói campeiro, “monarca das coxilhas” dos livros da literatura da época, representado aqui pelo personagem *Blau Nunes* de João Simões Lopes Neto em *Contos Gauchescos*. É provável que seja por essa razão, que encontramos na obra de Cyro Martins, pessoas que parecem muito mais “reais”. Mesmo assim não parecem ressentidos ou melancólicos. Sentem saudades da campanha sim, não das relações de opressão, da penúria, mas de suas práticas, suas vivências, seu trabalho com os animais, com o campo, com seu meio.

No Primeiro Capítulo *João Guedes – o gaúcho a pé*, analiso o drama social vivido pela personagem e sua família ao ter que deixar a vida na campanha e migrar para o vilarejo de Boa Ventura. As condições sociais e as motivações pessoais que movem João Guedes e sua esposa Maria José a desempenhar uma série de ações são colocadas dentro do tempo histórico em que ocorreram e assim as personagens servem como uma espécie de informantes de um contexto social próximo dos anos finais da década de trinta, nos confins meridionais do Rio Grande do Sul.

O Segundo Capítulo *Blau Nunes – o vaqueano*, remete a tempo histórico bem mais estendido. Embora a personagem principal narre suas histórias já perto dos seus noventa anos de idade, suas histórias e “causos” falam de um tempo transcorrido há quase um século. Dessa forma, essa personagem, além de construir uma narrativa de um tempo maior, anterior ao de *Porteira Fechada* constrói a idéia de homem do campo herói e bravo, sendo, em princípio, a antítese, portanto, desse mesmo herói representado por João Guedes.

O Terceiro e último Capítulo *De Blau a João – o peão hoje*, tento fazer um paralelo entre as representações e o imaginário criado acerca do gaúcho, homem da campanha, peão de estância, tipo social regional humano, que habitou e viveu por um tempo determinado e que a partir de meados do século passado, passou a produzir representações sobre sua imagem, seu trabalho e seu meio. Por fim, tento analisar de qual personagem mais se aproximam o imaginário e as representações dos peões de hoje, tanto os peões de estância quanto os peões tradicionalistas. Procuro responder se esse imaginário e essas representações, que encontramos

nesses meados do século XXI, caminham mais nos sentido de *Porteira Fechada* ou de *Contos Gauchescos*.

CAPÍTULO I

JOÃO GUEDES – O GAÚCHO A PÉ.

A trilogia do gaúcho a pé, como já mencionei anteriormente, é composta pelos romances *Sem Rumo*, *Porteira Fechada* e *Estrada Nova*. O romance central desta pesquisa *Porteira Fechada*, e seu protagonista João Guedes, é de 1944. Cyro publica a obra aos 36 anos, sete anos depois de publicar *Sem rumo* e nove anos antes de publicar *Estrada nova*.

Em linha gerais o romance narra a história do peão João Guedes, um pequeno arrendatário de terras de um estancieiro decadente, arruinado nas finanças e descontente com a vida. Logo no início da história o protagonista é expulso das terras e, como tantos outros, migra com a família para uma vida miserável em um barraco de periferia da pequena cidade de Boa Ventura.

Essa história começou numa manhã, no tempo em que João Guedes ainda era morador da campanha (Martins, 2008. p. 25). Casado com Maria José e pai de Tita, Isabel, Lelo, Picucha e Aurora. João Guedes arrendava uma parcela de campo de um chamado seu Bento que vendera suas terras a um chamado Júlio Bica. *Eu comprei justamente pra tirar o bico que a meia quadra ocupada pelo senhor forma dentro do meu campo, deixando muito feia a minha divisa dos fundos*. Responde o estancieiro, novo dono das terras, a João Guedes quando este pede que o deixe permanecer no lugar.

Assim começa o drama social vivido por João Guedes nas páginas de *Porteira Fechada*. Esse drama é representativo de toda uma categoria social representada aqui pelo protagonista da história. Em meados do século XX a economia rio-grandense passa por um momento em que esse elemento humano, o peão de estância, objeto central da minha análise e que por quase duzentos anos foi a figura central da história do Rio Grande do Sul, começa a ser expulso do campo e habitar os arredores das regiões urbanas. Cyro Martins afirma textualmente que João Guedes é um peão de estância. *Mesmo quando solteiro, sempre fez questão de ser peão parador* (Martins, 2008. p. 33). Em nota afirma que a denominação Peão Parador *Pode ser o peão fixo numa estância* (Idem. p. 34). É uma expressão

elogiosa, pois refere-se a um peão que permanece por longo tempo em uma mesma estância por ser confiável e responsável.

O peão de estância, representado aqui pela figura do *posteiro*¹³ João Guedes, na sua formação social percorre uma trajetória histórica muito peculiar. É necessário aqui, antes de mais nada, distinguir e caracterizar alguns elementos: A estância e a trajetória social deste elemento humano, tipo social característico da região da campanha sul-rio-grandense: o primitivo gaudério, o gaúcho e o peão de estância.

O início da colonização do Rio Grande do Sul se dá em 1737 com a fundação do Presídio Jesus-Maria-José, o que logo depois deu origem à cidade de Rio Grande, numa tentativa dos portugueses vindos da capital da colônia, Rio de Janeiro, para proteger seus domínios junto ao Rio da Prata. (Reichel apud Boeira, 2006. p. 43). Nesse período já havia uma disseminação de gado bovino e eqüino na Região da Campanha, atual território rio-grandense, proporcionado pelos colonizadores espanhóis e portugueses. *A influência que a caça ao gado exerceu foi muito mais de ordem social e cultural, como o surgimento do homem característico da Região Platina, o gaúcho* (idem, p. 47). Ao longo de quase dois séculos, XVII e meados do século XVIII, essa caça ao gado selvagem, que se desenvolvia e proliferava abundantemente na Região da Campanha, foi a principal atividade econômica no território rio-grandense.

Isto era mais evidente nas planícies selvagens do sudoeste americano e em vários lugares da América do Sul onde o gado multiplicava-se virtualmente sem esforço humano, acompanhado por gaúchos, llaneros, vaqueiros e cowboys e atraía a atenção de todos os fazedores de dinheiro, que viam nisso um meio de enriquecer. (Hobsbawm, 1977. p. 191 – 192).

Esse era um tempo em que os campos não eram nem demarcados, nem cercados. De acordo com Gutfreind (Gutfreind apud Boeira, 2006. p. 249 – 250) a historiografia sul-rio-grandense distingue a denominação “gaudério”, da denominação “gaúcho”. Enquanto este é dotado de uma conotação positivada por qualidades morais de valoração dos hábitos do trabalho, aquele é vinculado à imagem de um indivíduo que não vende sua força de trabalho, buscando seu sustento em atividades que transgridem a lei, como contrabando de gado e de couro

¹³ O posteiro é um peão ou agregado que mora nos limites da estância, em pontos distantes da sede com a função vigiar e auxiliar nos serviços com o rebanho.

roubados e caçados. O advento das estâncias e o afazendamento dos homens e dos rebanhos *transformaram o gaúcho rio-grandense num homem mais sedentário, mais responsável, menos agressivo, enfim, o peão de estância* (Gutfreind *apud* Boeira, 2006. p. 247).

Cabe aqui, fazer uma diferenciação entre três termos que são usados pela historiografia e pela literatura de forma um pouco confusa. A *demarcação territorial*, o *cercamento* e o *aramado*. Cada um refere-se, não só, a um momento histórico diferente, como também ocasionaram, em seu tempo, a novas dinâmicas nas relações entre os sujeitos e seu tempo e seu espaço, e entre eles e a sua história.

O primeiro e o último representam situações bem nítidas e datadas no tempo. Como descreverei a seguir, é no cercamento que ocorrem alguns problemas de interpretação. A demarcação territorial, refere-se especificamente à distribuição de Sesmarias, pela Coroa Portuguesa, por volta da terceira década do século XVIII. Devido a essa demarcação territorial, ocorre a posse da terra e do rebanho. Isso proporcionou o estabelecimento das Estâncias, caracterizado pelo já referido afazendamento, principalmente dos militares, e a sedentarização dos tropeiros (Pesavento, 1992. p. 15). A distribuição das sesmarias levou à demarcação territorial das Estâncias. Essas estâncias se desenvolveram sobre a criação extensiva de gado *vacum* utilizando a mão de obra dos peões. Essa mão-de-obra era formada pelos mesmos gaudérios, mercenários subalternos e malditos, que tropeavam gado e derivados para os jesuítas, espanhóis e portugueses. Embora haja divergências a este argumento, Pesavento (1992. p. 15) afirma que a mão-de-obra escrava pouco foi usada nas Estâncias¹⁴, devido ao fato de sua atividade econômica não proporcionar acumulação de capital suficiente para requerer este expediente.

Uma vez demarcada a propriedade, para efeito de proteção e preservação, era necessário cercá-la. *As primeiras referências que encontramos, em papéis oficiais, a cercas e tapumes, datam do terceiro decênio do início da colonização portuguesa, começada, como se sabe, em 1737, com a fundação do 'presídio' de Rio Grande de São Pedro* (Cesar, 2005. p. 128). Guilhermino Cesar também mostra pontualmente o momento em que começaram a utilização de fios de arame para delimitações da propriedade. O historiador afirma que foi no fim do Segundo

¹⁴ Voltarei a esse assunto no Capítulo II.

Reinado que os fios de arame começaram a riscar os campos. *Os fios de arame começaram a desembarcar em nossos portos (...) foram descarregados, a contar de 1874, algumas quantidades, (...) números ainda modestos, mas em ascensão.*” Cesar, 2005. p. 136). Como se vê, de acordo com este historiador, o tempo decorrido entre os anos de 1737 e 1874 podem ser denominados como o período de cercamento¹⁵. Esse intervalo de tempo, de 137 anos foi determinante na constituição do tipo humano habitante da campanha. A influência do aramado foi sensível na conformação do conceito de propriedade nos campos sulinos. Com ele, acentua-se a formação dos latifúndios, a melhoria dos rebanhos, a seleção racial, a comercialização regular de tropas, a sedentarização dos grandes proprietários e dos homens trabalhadores dos rebanhos e dos antigos peões denominados gaudérios.

O caudilho já não tem o espaço físico indemarcado o meio ambiente propício à eclosão do mandonismo; e o “vago”, o celebrado “monarca”, enreda-se nos fios de arame. Perdem, ambos; um, o seu penacho, e o outro a sua propriedade. (Cesar, 2005. p. 137)

É este o momento histórico, que surge a figura a que me refiro neste estudo: a figura do gaúcho, do peão de estância. Um tipo regional humano, que segundo Ornellas (1999), surge em condições sociais onde havia pouca ou quase ausência da propriedade privada.

Dessa forma, à medida que as cercas começaram a riscar o território sulino, bem como apreender o rebanho alçado, diminuía a propriedade comum dos gaúchos¹⁶. Esses tornavam-se mão-de-obra empregada, peões e posteiros, sujeitos à imposição dos novos proprietários da terra. À medida em que os campos vão se privatizando, os grandes novos proprietários das terras e do gado, os estancieiros, avançam em direção a todas as regiões do Rio Grande do Sul. Os gaúchos *vagos* tendem a ser absorvidos, transformando-se em peões ocasionais ou permanentes, de acordo com as novas necessidades de mão-de-obra das estâncias. A partir do que já foi descrito aqui, é possível compreender de que forma a paisagem transforma-se com a delimitação dos campos. O antigo *gaudério*, acostumado a um território ainda sem dono, vivendo da caça ao gado chimarrão¹⁷, torna-se por essa

¹⁵ O termo cercamento aqui não refere-se ao aramado, mas a fechamento, com barreiras naturais, fossos, cercas de pedra.

¹⁶ “Cercas de arame começaram a difundir-se pelos campos da Campanha e da Serra a partir de 1870 e o arame farpado veio em seguida, nos anos de 1880.” (Love, 1975. p. 17).

¹⁷ Selvagem, à solta.

razão um homem doméstico e sedentário. Em meu trabalho de dissertação de mestrado apontei que *como lobos selvagens que aos poucos acomodam-se a viver sob o teto, às sobras e a proteção dos humanos, os gaudérios transformam-se em gaúchos, uma mão-de-obra útil, barata e servil*¹⁸ (Howes Neto, 2009. p. 72)

Segundo o historiador Manoelito de Ornellas

A abundância do gado e a ausência de toda propriedade permitiam ao habitante do pampa – no século XVIII – viver sem esforços. O cavalo lhe assegurou a rápida mobilidade, o couro proporcionou-lhe os arreios, o laço, as botas, as rédeas e deu-lhe a cama e parte da habitação. Laçada ou boleada a rês, em pleno campo, dela se retiram o couro e o melhor pedaço de carne para o churrasco e o resto fica na coxilha a atrair os milhares de corvos que negrejavam em bandos saltitantes ou em revoadas turbulentas. (Ornellas, 1999. p. 82).

Para o historiador Teófilo Torronteguy (1994), a utilização do aramado culminou o cercamento dos campos na década de setenta do século XIX, e isso *reformou os costumes dos rio-grandenses* (p. 56), dividiu os campos em invernadas e fechou atalhos. Ao cercar as suas propriedades, o estancieiro *criou barreiras às campereadas livres quando gaudérios e animais cruzavam as campinas e os currais* (p.56). Ao fazê-lo, os animais, sobretudo o gado que era xucro, amansou-se gradativamente, ocasionando o fim das cavalhadas, da caça e da preia desses animais. O alambrado, dessa forma, representou o fim de uma situação social entendida como liberdade do tipo social humano habitante do Rio Grande do Sul. *Com o tempo o gado passou a ter dono* (p. 72). E não só o gado, mas também os homens passaram a ter um dono.

A sociedade sul-rio-grandense estava se modificando e já não aceitava mais esse tipo humano. Aos poucos, os gaúchos caíram na marginalidade. (...) Os estancieiros insistiram em transformar os gaúchos em peões obedientes; o interesse estava em aproveitarem-se de suas habilidades guerreiras e do seu conhecimento do pampa. (...) Com o tempo os gaúchos passaram a ceder, pela sobrevivência, aos estancieiros. (Torronteguy, 1994. p. 72).

No momento histórico em que Cyro Martins escreve *Porteira Fechada* (1944), o Rio Grande do Sul presencia profundas transformações nos modos de produção do seu setor rural. O próprio peão de estância, representado aqui pelo posteiro João

¹⁸ Quanto a isso, Farinatti (2010) demonstrará que essa servilidade pode não ter existido ou seja, no mínimo, discutida.

Guedes, perde também seu lugar neste cenário. Júlio Bica, ao despachar João Guedes, de seus campos, calcula que, para invernar¹⁹ bois, *posteiro não se usava mais. Pra quê? Uma estância como a sua, toda tapada, marchava lindo com três ou quatro peões. (...) A rigor, até dois mensuais²⁰ bastavam*, demonstrando que o cercamento dos campos não só os domesticava, como também os tornava uma mão-de-obra dispensável.

Farinatti (2010), mostra em estudo sobre a elite econômica na Fronteira Meridional do Império na segunda metade do século XIX, que essas relações dos estancieiros, donos de terras, com os posteiros e os chamados agregados²¹, estava rumando ao desaparecimento dos segundos. De acordo com o autor,

uma das vantagens de se ter agregados, na primeira metade do século XIX, estava desaparecendo no período seguinte. Ao reconhecerem o domínio do proprietário sobre a terra, em uma realidade onde a confusão de limites e direitos fundiários era a regra, eles agiam como legitimadores e mantenedores dessa propriedade. (Farinatti, 2010. p. 446)

Pode-se afirmar que nesse momento histórico a Literatura parece ter se antecipado à História na produção de interpretações que opunham um regionalismo heróico a um regionalismo social. (Nedel, 2005. p. 248). Cyro Martins insere-se entre esses escritores²² compondo o dito regionalismo social, mostrando a região da campanha gaúcha nos meados do século XX, quando passa por muitas transformações em suas estruturas sociais e econômicas. A urbanização refletia maior diversificação da economia, e se fazia sentir no modo de viver e de trabalhar até nas mais remotas regiões rurais do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, João Guedes, que representa os pequenos proprietários e arrendatários de terras, um posteiro, um agregado, perdeu espaço no campo devido à expansão agrária que privilegiava o latifúndio e a pecuária extensiva. Com a retomada do campo por parte do dono da estância, a personagem não vê alternativa a não ser rumar para a cidade de Boa Ventura, pois não há mais perspectivas na vida rural. Apesar de não ser a opção que mais o agradava, foi a única que lhe

¹⁹ Separar animais para cria ou engorda. (Bossle, 2003. p. 286).

²⁰ Mensual: peão de estância que trabalha por mês, assalariado, empregado. (Bossle, 2003. p. 334).

²¹ O termo agregado designa "*preferencialmente, a família que vivia nos campos de um proprietário, podia plantar e ter alguns animais e em contrapartida, 'reparava o campo' e auxiliava regularmente nos trabalhos da pecuária*". (Farinatti, 2010, p 446-447)

²² Junto com Dyonélio Machado, Ivan Pedro Machado, Érico Veríssimo, entre outros.

restou: João Guedes, Maria José e seus filhos, Lelo, Tita, Isabel, Picucha e Aurora, migram para a zona urbana almejando novas e melhores condições de vida.

A história de sua desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de Boa Ventura, uma cidadezinha distante, triste e precocemente envelhecida, situada nos confins da fronteira do Brasil com o Uruguai. (Martins, 2008, p. 25)

João Guedes declina moralmente engolido pelas dificuldades e pelas mazelas do convívio urbano. Alguns pontos mostram a trajetória da personagem na direção desse declínio psicológico e físico. O drama social vivido por João Guedes, que se inicia ao ser escorraçado das terras que ocupava até sua morte, dá conta de dramas semelhantes ao dele vividos pelos homens do campo que foram tentar melhor sorte na cidade. A letra da música *Descaminho*, de Ewerton e Antônio Augusto Ferreira, apresentada na 12ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, em 1982 e vencedora do Festival Tchê²³, do mesmo ano, interpretada por Marco Aurélio Vasconcellos e os Posteiros, dá conta de uma narrativa semelhante:

Descaminho

A lanterna da cidade deslumbra os olhos da china,
que quando sai do seu pago, pelas luzes se fascina.
Nas grossas mãos calejadas de sanga, planta e capina
se ascende a luz do desejo de cambiar de pago e sina.
Vê seu rancho tão pequeno que aos de casa contamina,
sonha os filhos empregados, as charlas pelas vizinhas.

Sorte melhor ao campeiro que se consome na lida.
Seguir o rastro dos outros que ergueram rancho na vila.

A mesma luz da cidade, a mais olhares fascina.
Lá se vai o plantador vender a terra que tinha.
Buscar trabalho no povo: operário de oficina.
Vender a força e saúde. Soltar as filhas na vida.
A carreta vai vergada, os ombros vão mais ainda.
Logo, logo estarão changueando por um prato de comida.

Lavando roupa pra fora, pegando frete e capina
pra encher a boca dos filhos, e encher a vida vazia.

Antônio Augusto Brum Ferreira – Ewerton dos Anjos Ferrreira.

João Guedes não se mudou para o “povo” por vontade própria, mas por força da circunstância. Embora a “luz da cidade” ofuscasse e fascinasse os olhos dos

²³ Festival que reunia as melhores canções apresentadas nos festivais (nativistas) do respectivo ano.

habitantes da campanha, e até mesmo levasse o plantador vender o que possuía, muitos não o faziam por vontade consciente. As relações de trabalho e opressão, vigentes naquelas ocasiões, compeliavam as famílias de peões agregados e posteiros, a entregarem a terra que ocupavam, ou vender a terra que tinham, indo “vender sua força e saúde”, quando na maioria das vezes, terminavam desempregados, ou subempregados “changuendo²⁴ por um prato de comida”.

O drama social vivido por João Guedes, semelhante aos seus pares em seu tempo, que começa como peão de estância e termina gaúcho de a pé, pode ser assim narrado em quatro pontos fundamentais: o roubo de ovelha e a conseqüente venda dos pelegos, sua prisão, a venda do cavalo, e por fim, a venda dos arreios.

Depois que soube que deveria deixar o campo que ocupava, João Guedes procurou outro lugar para que pudesse se mudar, estabelecer-se com a família e trabalhar. Em meio a esta procura conheceu Eusébio Manco (Martins, 2008, p. 54) a quem declarou, pernoitando sob uma carreta que previa o lhe aconteceria: *o fim de todos nós é lá na cidade, aperreados naquele chiqueiro* (idem). E conclui: *eu é que não vou me metê lá, pra morrê à míngua!* (idem, p. 55). Guedes pressentia o que o destino lhe reservava, demonstrava consciência sobre as condições adversas que encontraria na iminente mudança para a cidade.

Nos primeiros tempos morando em Boa Ventura, João Guedes e Maria José receberam ajuda de uma prima da esposa, Querubina, e de seu marido, Oscar. Este fiou para que Guedes alugasse uma casa na periferia da vila. As dificuldades não tardaram. O pouco dinheiro que juntaram com a venda de alguns pertences, animais que mantinha na vida da campanha, foi o suficiente para a compra de uma máquina de costura para Maria José, um fogão de ferro, e alguns reparos na casa. O pouco dinheiro que restou, durou somente mais alguns dias.

Em um certo dia, cedo pela manhã, enquanto Guedes comprava lenha defronte a sua casa, apresentou-se a ele um indivíduo maltrapilho e com aparência de changueador²⁵. Este reconheceu Guedes, pois trabalhara de peão mensal na Estância dos Salsos, a mesma que Guedes fora peão posteiro. Quero-Quero, o

²⁴ Changa significa serviço avulso. Trabalho de pouca duração, de pouca importância. (Bossle, 2003, p. 140).

²⁵ Carreteiro de aluguel, trabalhador de serviço temporário. (Bossle, 2003. p. 141)

nome do sujeito interlocutor, contou a João Guedes uma história que não só viria a ser a sua, mas a de muitos que migravam para a cidade.

É... Eu também vim pra cá faz cinco anos. Tinha alguma coisita, não era de todo atorado. Quando cheguei, pensei até que 'stava rico. Tinha cinco contos no bolso. E naquele tempo, cinco contos ainda eram cinco contos! Pra mim, então, representava uma fortuna. Tinha vendido alguns alimaizinhos e apurado aquela quantia. Nunca tinha sentido o bolso tão pesado... Ora, me parei gajo. Aluguei uma casita de material, como esta que o senhor 'stá, meti a muié e a trocinha pra dentro, e vim pra porta. Cruzou um leiteiro e eu chamei: olha, disse, me deixa todos os dias dois litros de leite. E assim por diante, com o açougue, com o aguadeiro, com o bolicheiro... Olhe, seu compadre, daí a seis meses, e eu tinha que ir a pé lá no matadouro trazê bofe pra comê, senão morria de fome com toda minha geração! E depois, isto que você 'stá enxergando... (Martins, 2008. p. 70)

Os dias de João Guedes, que já eram cheios de inquietação, foram tornando-se cada vez mais preocupantes. Pressentia o mesmo destino e constatava que seu futuro seria igual ao do changueador. A degradação moral de João Guedes já se iniciara com a depauperação de sua vida e de sua família. Devia dinheiro ao Capitão Fagundes, dono do boliche, uma espécie de bar e mercearia, de onde Guedes consumia desde mantimentos para a casa, até erva, fumo e cachaça. Numa noite, Guedes aparece já tarde no boliche e entrega ao Capitão um pelego de ovelha como pagamento de sua dívida, feito *uma entrega por conta* (Martins, 2008. p. 82) Esse fato marca a primeira vez que João Guedes furta um animal e vende seu pelego ao receptor e dono do boliche. Ambos fingem acreditar que o produto era procedente de um pagamento por trabalho realizado, entretanto *um roía-se de vergonha por haver vendido um pelego roubado. O outro sentia comichar dentro de si a curiosidade por saber onde o Guedes caçava 'tatu com lâ' e desde quando* (idem. p. 83)

João Guedes justificava para si que fazia aquilo para o sustento de sua família. Repetiu o ato mais duas vezes. Demonstrava medo de ser preso por roubo, ficava constrangido consigo mesmo ao imaginar essa possibilidade, entretanto não vislumbrava outras possibilidades, sua idade e seu estado de saúde limitavam suas possibilidades de trabalho. No silêncio da madrugada, enquanto percorria os campos sozinho, à procura de mais um animal para furtar, ouvia o chiado de sua respiração, causado pelos sintomas de uma bronquite asmática, que lhe roubava forças e lhe aumentava a aflição. O homem na silente madrugada, carregando uma

ovelha atravessada na garupa de seu cavalo mouro²⁶. *Sim, o Guedes em pessoa, um gaúcho bom e direito, que foi domador, tropeiro, aramador, vizinho apreciado, plantador (...) e que um dia se mudou para a cidade* (Martins, 2008. p. 85). Roído de remorsos, sofria pela vergonha, pela culpa, pelo constrangimento. Ao chegar em casa, apressou-se em esconder o furto, com medo de ser visto pelos vizinhos, com vergonha da mulher, com medo da polícia. Quando adentrou o pequeno barraco, ouviu de Maria José que a filha mais velha, Isabel, consumida pela desgraça, pela miséria e pelos desmandos da cidade, fugira de casa com o namorado. João Guedes vê seu estado e o estado deploráveis de sua mulher, degradaram-se moral e fisicamente. *Em frente, encolhido num banquinho baixo, João Guedes era um molambo de homem, que já nada mais tinha a perder* (Martins, 2008. p. 86).

A partir desse momento João Guedes torna-se um fantasma (idem p. 93). Sentia que sua presença nas andanças pelas estâncias deixara de ser agradável aos estancieiros e aos outros peões. Repugnava-lhe o roubo, no entanto sabia que não podia voltar para casa sem um pedaço de carne. Refletia, até *até onde se rendera à miséria!* (Martins, 2008. p. 93). Ao passar pela tapera que habitara tempos atrás, imagina avistar a figura dum João Guedes que já não mais existe, não de um defunto que houvera-se tornado, mas a imagem viva de um *homem de bem, com assomo da retidão no semblante* (idem). O antigo peão posteiro da Estância dos Salsos é agora um homem sem identidade, um zumbi, morto em vida. Ao ceder à tentação e à necessidade do furto, o peão investe sobre o rebanho que dormia sob a noite calma no alto de uma coxilha. Pára. Palpita-lhe algo inesperado. Avista dois vultos vindo em sua direção. Julga insensato fugir, estupidez reagir, entrega-se e é preso pela polícia.

João Guedes permaneceu preso por três meses e vinte dias. Acostumado à vida na prisão, lamentou quando foi solto. *Na sua ignorância, acreditara que seu crime seria punido com uma pena de anos* (idem, p. 118). Estava acostumado com a vida na prisão. Ao ser solto sentia-se oprimido e angustiado pela sensação de ser arrastado de uma prisão para a outra. Esta outra, era sua vida fora da cadeia, talvez ainda pior e mais cruel. Assistiu numa noite fria, a morte de uma filha tuberculosa. E ao ver a magreza da mulher *e a carinha descarnada de Lelo, a assistir à perdição*

²⁶ Cor de pelo de cavalo. Cor negra salpicada de fios brancos. Semelhante ao grisalho. (Bossle, 2003. p. 345)

inevitável das filhas (idem), desejou voltar para a prisão.

De sua identidade de campeiro, João Guedes conserva ainda seu cavalo e seus arreios. Após a morte da filha Tita, por tuberculose, os poucos fregueses de Maria José desapareceram, pelo receio do contágio pela doença. O primeiro dos dois derradeiros passos de João Guedes a tornar-se um peão a pé, começou uma semana após ser solto da prisão. Encontrou o mouro magro, felpudo²⁷, pisado²⁸ nos lombos. Arelou o animal ao buçal e puxou-o até um conhecido: Seu Machado. Pensava em vender o animal por cento e cinquenta, mas o comprador lhe ofereceu cento e trinta mil-réis. Fecharam por cento e quarenta mil-réis, suficiente pra Guedes fazer compras que alimentassem a família por quinze dias. Restava ainda como patrimônio da família a máquina de costura de Maria José. Mas esta não se sentia capaz de vendê-la. *Ela, fula, seca, esverdinhada, com tosse, suando de noite, não tinha coragem de oferecê-la a ninguém* (idem. p. 124).

Diante daquele quadro, sem mais alternativas, sentados à porta do rancho Guedes exclama para Maria José: *Eu sei de um comprador... O turco Gabriel'* (idem) A mulher assiste ao marido mexer-se, lentamente, juntar o chapéu do chão, pô-lo à cabeça, *viu-o agachar-se. Estender o braço para debaixo da cama, puxar os arreios e botá-los no ombro* (idem). Maria José compreendeu o tamanho do ato do marido. O significado da ação dele fê-la chorar de emoção. Pela coragem de tomar aquela atitude, Maria José o perdoava por todas as suas mazelas, todas as suas vicissitudes.

Guedes saiu a passos trôpegos pelo caminhozinho pedregoso, levando seus arreios de campeiro para vender ao primeiro que lhe desse vinte ou trinta mil-réis. Cortava assim o último tento que o prendia à vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso de gaúcho “de a pé”. (Martins, 2008. p. 125)

João Guedes o antigo peão posteiro da Estância dos Salsos morreu desgraçadamente e em circunstâncias duvidosas. Um tiro de arma calibre 44 mm desfigurou-lhe a face. Seu corpo foi encontrado sobre a encosta de uma sanga na entrada da cidade. Mudara-se da campanha para a cidade havia três anos e há apenas dois meses saíra da cadeia por roubo de ovelha. Segundo Cyro Martins: *A história de sua desgraça se confunde com a da maioria dos que povoam a aldeia de*

²⁷ Animal de pelo grosso, típico do animal exposto ao frio e à parca alimentação.

²⁸ Machucado nas costas, devido ao uso excessivo ou manejo inadequado dos arreios.

boa Ventura (Martins, 2008. p. 25). Ao fim do velório do pai, *Lelo, de cócoras, assoprava, tentando prender fogo com uns gravetos molhados*, todos, naquele pequeno rancho gelado nos arredores de Boa Ventura *tinham no olhar – um olhar fundo, parado, interrogativo – a expressão aflita de todas as crianças maltratadas* (idem, p. 164).

A história de João Guedes é também uma história de muitos homens e mulheres de seu tempo e de seu espaço. Assim como Boa Ventura, a aldeia fictícia de *Porteira fechada*, outras cidades da fronteira, como em toda região da campanha, em meados do século XX assistiram dramas sociais similares aos de João Guedes e Maria José. A monocultura, o latifúndio e a pecuária extensiva produziram naqueles lugares narrativas semelhantes e complementares aos joões guedes e marias josés de Boa Ventura e da Estância dos Salsos. O drama de João Guedes, como os demais peões de estância de seu tempo, se passa na aldeia de Cyro Martins, mas não se esgota nela. O peão de estância que substancia sua identidade sobre seu trabalho, sobre seu cavalo, termina a narrativa literária morto, destituído de sua identidade de campeiro, de peão de estância. E no fundo campo em que habitara um dia, defrontam-se três taperas, entre elas a do João Guedes. Poucos sinais ainda restam de habitação humana naquele lugar. Agora é um rincão despovoado. Não se avista um campeiro e nem arados mais rompem aquela terra. Novilhos e mais novilhos pastam entre as cercas de arame que cercam a propriedade. *Que paz naqueles campos!* (Martins, 2008. p. 16).

CAPÍTULO II

BLAU NUNES – O VAQUEANO

O cenário sociopolítico vivido no Estado enquanto cada autor compõe sua obra, é distinto: enquanto *Contos Gauchescos* é publicado em 1912, quando o Rio Grande do Sul vive seu período “borgista”, *Porteira Fechada* é publicado em 1944, quando o Estado está sob a influência política de Getúlio Vargas. Esse panorama importa, na medida em que situa os autores e as obras em seu contexto histórico e político. Borges de Medeiros, herdeiro político de Júlio de Castilhos, herda também o comando do governo em 1898, apoiando-se na tradição castilhista, consolidando o regime republicano positivista, autoritário e centralizado. Convém ressaltar desse período que o governo borgista, para manter o poder, usou, além força coercitiva, o o incremento de incentivos a setores diversos da sociedade, desde os setores enriquecidos do comércio e da indústria, até as camadas médias urbanas e os pequenos proprietários rurais. *Porteira Fechada* insere-se nos anos finais do tempo histórico que convencionou-se chamar de Estado Novo, que durou de 1937 até 1945. As políticas adotadas nesse período não alteraram substancialmente a estrutura econômica do Estado. O Rio Grande do Sul deu seqüência a uma economia centrada no fornecimento de gêneros agropecuários para o mercado nacional. No setor da pecuária, persistia a criação extensiva de gado em campo aberto. As estâncias continuavam sendo a “pedra de torque” da economia local. Os campos enchiam-se de rezes tantas quantas coubessem. E os frigoríficos estrangeiros continuavam controlando os preços da carne, confirmando a dependência externa da economia.

Na fazenda de criação, dentro do período borgista, também ainda não recebiam uma remuneração sistemática. Parte dos salários não eram pagos em dinheiro, mas através do direito à moradia e uso de pequenas extensões de terra para a produção de gêneros de subsistência, como se pode notar claramente no caso de João Gedes, e também nos contos finais de Blau Nunes. Nesse período, já se nota o completo cercamento dos campos e a introdução de alguma tecnologia no método criatórios, fazendo com que houvesse menor necessidade de braços para a criação. *Acentuou-se, com isso, o processo de êxodo que já se manifestava desde*

os anos trinta. Uma vez fora do latifúndio, este trabalhador buscava as cidades. (Pesavento, 1992, p. 116) como já demonstrei no capítulo anterior, esse homem do campo migrado para as cidades e vilarejos pobres, constituía-se numa mão-de-obra que era jogada no mercado de trabalho sem ter especialização nenhuma, pois *suas habilidades na vida campeira nada valiam para a vida urbana.*(idem)

A obra de João Simões Lopes Neto, da qual me utilizarei para analisar um tempo histórico e um lugar, é Contos Gauchescos. Muito embora não possa prescindir de uma breve análise biográfica do próprio autor, é a partir da narrativa ficcional dos contos e causos de Blau Nunes que pretendo fazer minha interpretação.

Embora Lopes Neto tenha tido, no começo de sua vida adulta, uma extensa atividade comercial, como também jornalística, foi como escritor que o autor alcançou notoriedade e escreveu seu nome na história rio-grandense. Pela vivência que teve, como já mencionado, na Estância da Graça, Lopes Neto tomou contato com o universo da campanha. Às suas experiências foram somando-se a extensa pesquisa folclórica da linguagem e do cancionero popular, adicionando a suas personagens o que Zilberman (1980) denomina de *densidade humana aos tipos regionais* (p. 38). Blau Nunes é o protagonista mas não único herói dos contos e causos. Há outros heróis da mesma ordem de Blau. Em algumas narrativas cabe ao protagonista o papel de testemunha ou colaborador dos eventos. Dessa forma, as ações são desencadeadas por um elenco *de seres que apresentam características semelhantes às do narrador ou que pertencem ao mesmo eixo* (idem, p. 41). Todos pertencem a um mesmo tipo social humano. Diferem sutilmente em hierarquia militar, classe social, mas são todos homens corajosos, destemidos e sem exceção homens da campanha, peões. É interessante notar, nesse ponto, que a qualificação profissional de “peão de estância” nunca foi exatamente um enquadramento profissional regulamentado por lei (Howes Neto, 2009). Antes de mais nada, acredito ser apropriado fazer algumas considerações sobre esse respeito.

A primeira lei brasileira a tratar especificamente sobre esse fato é a Lei Nº 5.889 de 1973. Ela estatui as normas reguladoras do trabalho rural. Portanto, foi somente em meados da década de setenta que a atividade profissional e econômica do peão de estância foi regulada pelo poder público. No artigo segundo da referida

lei, consta que o *empregado rural é toda pessoa física que, em propriedade rural ou prédio rústico, presta serviços de natureza não eventual a empregador rural, sob a dependência deste e mediante salário.*

O Sr. Cláudio Silveira, Contador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria, em entrevista realizada no dia 30 de janeiro de 2009, quando realizava trabalho de campo para minha dissertação de mestrado, me informou que o enquadramento profissional de “peão de estância”, na verdade não existe. O enquadramento funcional legal tem o nome de “trabalhador rural polivalente”, ou ainda “serviços gerais agropecuários”. O salário base da categoria, em Santa Maria era de R\$ 477,40. Cláudio também me informou que cada município tem o seu salário determinado por dissídio, e, quando não houver, nunca poderá ser menor que o salário mínimo nacional. A jornada semanal de trabalho é de 44 horas semanais, respeitados os finais de semana, tendo o trabalhador rural, ainda direito a uma folga em dia útil por mês. No entanto há uma dessintonia total da legislação em relação à realidade. O homem do campo muitas vezes não tem e não parece ter noção da sua condição social. Em uma propriedade vizinha da Fazenda Tarumã, onde realizei etnografia, ouvi de um senhor a quem chamavam de Seu Mimo: *essas lei da cidade, serve pras pessoa da cidade.* Os peões, de maneira geral, parecem não ver nexos entre o sistema legal e a realidade da vida rural. Os direitos são parcamente cumpridos. Quem os exige, via de regra, fica mal visto entre o grupo. Como me relatou Seu Mimo, quando alguém sente-se descontente com o trabalho em alguma estância *larga e vai procurá outro serviço. Mas só faiz isso quem não gosta de trabaia.* De acordo com o relato, é possível notar uma subordinação e até mesmo a ausência de uma noção de coletividade (pelo menos organizada), entre a categoria de peão de estância.

Da perspectiva do etnógrafo, ou de quem vive fora daquele mundo, é difícil pensar no gaúcho como uma figura prepotente e poderosa. Considerando a estrutura da classe da sociedade onde ele está inserido, ele está numa posição extremamente subordinada. Ele é um trabalhador rural assalariado, desorganizado, raramente vinculado a um sindicato. Sindicatos e partidos políticos esperam dele as reivindicações de um camponês, isto é, “terra”; ou a reivindicação de um trabalhador rural urbano, “melhores salários”. Nem a terra nem dinheiro interessam-lhe, nenhum deles tem relação com sua existência como gaúcho. (Leal, 1992. p. 149).

De acordo com o Código Brasileiro de Ocupações, constante no Site do

Ministério do Trabalho e Emprego (<www.mte.cbo.gov.br>), não está contemplada a profissão de Peão de Estância, apenas denominações correlatas: código 6230 – trabalhador polivalente de animais; 6230 – 05 domador; 6230 – 15 trabalhador de pecuária polivalente; 6231 – 10 trabalhador de pecuária, peão de pecuária; 6231 – 25 trabalhador de pecuária (eqüinos) (campeiro, ferrador); 7828 – 10 tropeiro.

O peão de estância, ou peão de campanha, existe de fato. É uma das identidades representativas do regional gaúcho, do homem *da campanha*. O termo é corrente na música, na literatura²⁹ e nos meios de comunicações, bem como para o tradicionalismo. No entanto, não é uma profissão reconhecida juridicamente, apenas aceita tacitamente.

Por tudo isso, compreendo que tratar dessas identidades, sem ou com pouca representatividade social ou política, pareça um tanto insólito. Mas é justamente por esse motivo, por transitar muito mais no imaginário das pessoas, nos livros de literatura, na historiografia e na mídia, e muito menos nos dispositivos jurídicos e mecanismos governamentais, que me proponho a trabalhar com essa categoria.

Farinatti (2010) analisou um tempo histórico um pouco anterior ao que me proponho analisar nesse texto. O autor estudou as relações entre as famílias da elite agrária e suas relações com peões livres, escravos, pequenos proprietários de terras mais propriamente entre os anos de 1825 – 1865. A categoria peão de estância aparece no texto com bastante frequência, sobretudo na Introdução, Capítulos 7 e 8.

Blau Nunes não era um peão fixo em uma estância. Era aquilo que Farinatti denomina de mão-de-obra livre.

Como vimos anteriormente, os peões que iam às estâncias apenas por poucos meses, em geral, recebiam salários mais altos, pois supriam uma lata demanda estacional. (...) outra vantagem que eles levavam em relação aos peões mais estáveis: recebiam uma parte maior de seus salários em dinheiro e ganhavam em independência com relação a seus companheiros que permaneciam por longos períodos. (...) O trabalho estacional como peão era uma diversificação usada, estrategicamente, por eles. (Farinatti, 2010. p. 392)

Em *Contos Gauchescos*, Lopes Neto (1957) qualifica Blau Nunes direta ou

²⁹ Como demonstrarei logo a seguir, as várias ocasiões em que o autor relaciona a personagem de Blau Nunes com a profissão de peão.

indiretamente como peão em várias passagens. Exemplo disso ocorre na primeira Linha de Trezentas Onças: *Eu tropeava*³⁰ (p. 125), *o meu patrão...*³¹ (p. 129), *estava conchavado de posteiro*³² (p. 280). Blau também é descrito como *genuíno tipo – crioulo – rio-grandense, benquisto tapejara, velho paisano*, estando em sintonia com a descrição do tipo social humano do trabalhador das estâncias do século XIX.

Ao longo da narrativa de *Contos Gauchescos* pode-se auferir que Blau tenha nascido no início do século XIX, como na passagem *Eu já tinha meu bigodinho (...)* *Rebentou a Guerra dos Farrapos; eu me apresentei, de minha vontade* (p. 176). Pode-se deduzir dessa afirmação que quando do início da Revolução Farroupilha, no ano de 1835, o jovem Blau Nunes já apresentava nítidos sinais físicos do início da idade adulta.

Segundo Chiappini (1988), os *Contos Gauchescos* são delimitados pela duração da vida de Blau Nunes, personagem-narrador que os unifica, permitindo situá-los no tempo, aproximadamente, entre 1817 e 1905 (p. 291) Nesse sentido, e como afirmado por Lopes Neto no final da apresentação dos *Contos Gauchescos*, *oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de furriel farroupilha, que foi* (p. 124) a história é narrada no começo do século XX, mas fala de um tempo histórico que perpassa quase um século. Por essa razão, a narrativa de alguns contos remete a um tempo de campos indivisos, primitivos, da prea ao gado alçado, como também a um Rio Grande do Sul mais próximo do século XX, latifundiário, monocultor e de propriedade privadas.

Em “No Manantial”, Blau conta que *estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa; apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas e querências* (Lopes Neto, 1957. p. 138). “Correr Eguada”, Blau conta que *tudo era aberto; as estâncias pegavam umas nas outras sem cercas nem tapumes; (...) Vancê vê que desse jeito ninguém sabia bem o que era seu, de animalada* (idem, p. 163). Há uma passagem que remete a um tempo posterior à Guerra do Paraguai, uma vez que foi somente depois desse evento que a bombacha passou a fazer parte da indumentária dos *gauchos*: *E a gauchada quase toda de em pêlo. Uns de bombacha, outros de chiripá; muitos sem chapéu, muitos de lenço na*

³⁰ Remetendo à qualificação de peão tropeiro.

³¹ Remetendo a mão-de-obra contratada, esporádica, do peão agregado.

³² Remetendo à qualificação de peão posteiro.

cabeça; tudo em mangas de camisa e faca atravessada (idem, p. 164). Outra passagem, em “Chasque do Imperador”, a narrativa remete justamente à Guerra do Paraguai. Blau Nunes conta que fora nomeado para um posto de comando dos demais recrutas, além de ocupar um posto próximo ao Imperador Dom Pedro 2º: *Quando foi do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65 e o imperador veio cá, (...) andei muito por esses meios, como vaqueano, como chasque, como confiança dele* (idem, p. 168). No conto seguinte, *Os cabelos da china* uma passagem de Blau se reporta a trinta anos antes: *Rebentou a guerra dos Farrapos; eu me apresentei, de minha vontade* (idem, p. 176). Outra passagem que remete à Guerra dos Farrapos, transcorre em “Melancia – Côco verde”: *quando rompeu a independência lá na Côrte do Rio de Janeiro... e depois tivemos que ir pra coxilha fazer a guerra dos Farrapos, com seu general Bento Gonçalves* (idem, p. 190). Em “O Anjo da Vitória”, Blau faz menção à Guerra da Cisplatina: *foi depois da batalha do Ituzaingo, no passo do Rosário, pra lá de São Gabriel, do outro lado do banhado de Inhatium* (Idem, p. 199). Este combate, também conhecido como Batalha do Ituzaingó ou Batalha do Passo do Rosário, foi um sangrento embate campal ocorrido em solo brasileiro durante a Guerra da Cisplatina, em fevereiro de 1827. No conto seguinte, “Contrabandista”, Blau faz outra referência à Batalha do Ituzaingo. Jango Jorge, personagem central do conto, lutara também na referida batalha e conta que o Anjo da Vitória fora um tal general José de Abreu: *e sempre que falava no Anjo da Vitória ainda tirava o chapéu* (idem, p. 205).

Uma passagem curiosa nesse conto é o emprego da expressão “despilchado”: referindo a Jango Jorge, Blau afirma que *foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas*. Não seqüência do trecho citado, Blau conta que quando Jango Jorge, numa mesa de jogos, ganhava uma “ponchada de balastracas”, logo ao chegar em casa, distribuía as moedas para a gurizada, regozijando-se do feito.

A narrativa refere-se ao substantivo “pilcha”, ainda ao seu sentido anterior ao tomado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. Segundo o *Dicionário Aurélio*, o verbete “pilcha” significa dinheiro, adorno, adereço, jóia. Qualquer objeto de algum valor. Na obra *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*, Luiz Carlos Barbosa Lessa,

conta como o termo *pilcha* passou a designar a indumentária gaúcha³³

Quando algum elemento faltasse para nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou outro. Assim, por exemplo, qual o adjetivo que daríamos a nós mesmos quando estivéssemos vestidos à gaúcha? Alguém sugeriu “aperado”. Mas “apero” é arreamento, é roupa de cavalo, o termo não ficava bem. Então, na ata de 8 de maio de 1948 o secretário Antônio Cândido se lembrou que *pilcha* é dinheiro ou objeto de uso pessoal que possa ter um valor pecuniário. “Vamos oferecer ao patrão de honra Paixão um churrasco, ao qual a indiada deverá vir toda pilchada”. E o invento colou! (Lessa, 1985. p. 64)

Por fim, no conto “Duelo de Farrapos” há uma passagem que remete aos anos finais da Revolução Farroupilha: *em agosto de 42, o general, que era o presidente da República Rio-Grandense (...) fez um papel, que chamavam-lhe – decreto* (Lopes Neto, 1957. p. 218).

Parte do tempo histórico em que se compreende ter vivido Blau Nunes remete ao tempo histórico estudado por Farinatti (2010). Segundo o pesquisador, *bem pouco se sabe sobre os homens livres que trabalhavam nas estâncias* (p. 397) como também sobre a identidade dos peões, trabalhadores da campanha do século XIX, denominados de forma geral pelo autor de *subalternos da campanha* (p. 396). De acordo com o estudo do autor, que obteve dados a partir de uma pesquisa micro-histórica, a partir de uma gama variada de documento primários, documentos cartoriais, registros paroquiais de terra, correspondências políticas, inventários *post mortem*, como também da análise de processos criminais da cidade de Alegrete. A análise desses processos criminais se deu no sentido de superar a invisibilidade da figura dos peões nos processos de inventários das elites agrárias. Estes subalternos da campanha, sobre os quais, na maior parte das vezes, as fontes não são abundantes e trazem apenas referências indiretas, possuem basicamente três características: são livres, pobres e analfabetos. Não há referências nos *Contos Gauchescos* ao grau de instrução de Blau Nunes. O que se sabe é que é pródiga sua oralidade, um contador de história típico das sociedades tradicionais. É livre, pois não é empregado formal em nenhuma estância, e pobre, como se vê nessa passagem:

³³ Essa passagem insere uma distinção importante entre cultura tradicional e cultura tradicionalista, isto é, de que forma o Movimento Tradicionalista (MTG), criou toda uma cultura tradicionalista, sobre elementos de uma cultura tradicional. Voltarei a tratar desse tema no Capítulo III.

Era um dia..., um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na estrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso. (Lopes Neto, 1957. p. 280)

Essa mão-de-obra, por ser livre, não era descrita nos inventários, bem como acontecia com os escravos; pelo motivo de serem pobres, raras vezes eram autores de atos patrimoniais, a exemplo de escrituras públicas, aquisição ou venda de bens imóveis ou inventários; e por fim, por serem analfabetos não eram capazes de produzirem documentos testemunhais de próprio punho.

É interessante notar como o pesquisador caracteriza a categoria “peão”: *Nessa categoria, incluí os indivíduos que tiveram nas suas qualificações de profissão as designações peão, campeiro, peão posteiro e vive de seu trabalho de campeiro* (Farinatti, 2010. p. 401) Ainda chama a atenção para as pessoas que declararam viver de seu trabalho, mas que tratava-se evidentemente de *peões de campo* (idem). Dessa forma o autor traça um perfil social da categoria “peão”, como cor da pele, estado civil, a partir das testemunhas e réus de processos criminais de Alegrete entre 1845 – 1865. Esses resultados apontam para um perfil geral dos peões em que a maior parte deles era jovem (por volta dos trinta anos), solteiro (ainda que consideradas somente as uniões sacramentadas por ato religioso), não brancos (aliás, todas as testemunhas, apontadas na amostra como pretas, eram peões), na maioria dos casos nascidos em outras regiões do Rio Grande do Sul e com presença importante de migrantes castelhanos.

Fazendo um paralelo com a narrativa de *Contos Gauchescos* e as peripécias narradas por Blau, encontramos personagens que se enquadram perfeitamente entre o perfil social do tipo humano apontado pelo pesquisador. A começar por Blau, que na maioria dos contos, ou é um militar (ex-militar valente em combate), ou encontra-se tropeando, sem um rancho próprio ou fixo, sem família, habitando os galpões pelas estâncias ou pernoitando a céu aberto, como em “Trezentas Onças”.

Assim, a história atravessa a narrativa literária contada por Blau Nunes. No final do século XVIII e meados do século XIX, o comércio internacional de produtos agrícolas atinge o auge de sua especialização. A Revolução Industrial alcança regiões até antes remotas, como o sul da América do Sul, a exemplo da refrigeração

da carne e a vinda dos frigoríficos e a conseqüente diminuição da atividade saladeira³⁴. Tentando acompanhar a demanda dessa produção ou até mesmo, antecipar-se a ela, a pecuária sulista moderniza-se com as charqueadas, implantando mão-de-obra escrava³⁵, bem como a já referida utilização dos peões livres e assalariados. *Entretanto, um outro método de utilizar a pecuária já estava sendo explorado: a preservação da carne, através dos métodos tradicionais de salgar e secar* (Hobsbawm, 1977. p. 191 – 192).

Por cento e cinqüenta anos, entre a segunda metade do século XVIII até o final do século XIX o território sul rio-grandense foi um campo de batalhas, de disputas e guerras. Em linhas breves e gerais, esse cenário pode ser assim descrito: entre os anos de 1754 a 1756 ocorre a Guerra Guaranítica, decorrente das determinações do Tratado de Madri (1750), que cedia as missões jesuíticas ao domínio português, ocasionando a resistência dos índios, liderados por Sepé Tiarajú. Em campanha iniciada em 1762 a *Espanha organiza uma poderosa expedição ao Prata, sob o comando de Don Pedro de Cavallos, e este invade o Rio Grande, capturando a recém-formada vila em 1763* (Cesar, 2005, p. 128). Essa investida do governo espanhol e a forte resistência do domínio português são um marco importante e decisivo na ocupação do território. *No início do século XIX, a população do Rio Grande já passava de 30 mil habitantes, espalhados em estâncias e povoados que cresciam e prosperavam* (Cesar, 1980, p. 211). Segundo o autor, em 1801, na luta entre Portugal e Espanha, Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, retomaram o território das Missões para o domínio português, em uma das maiores demonstrações de resistência sulina, considerada por alguns

³⁴ Estabelecimento onde se prepara o Charque, a carne seca ou quaisquer outros produtos da pecuária. (Bossle, 2003. p. 458)

³⁵ A respeito da mão-de-obra escrava no Rio Grande do Sul convém ressaltar que, durante muito tempo acreditou-se que seu uso na pecuária tenha sido diminuto, “*pois a criação de gado não exige muitos trabalhadores, os escravos foram largamente utilizados nas plantações de trigo, nas charqueadas e nos serviços domésticos, principalmente.*” (Torronteguy, 1994. p. 58). Ainda Dreys (1990) destaca que “*nas estâncias, pouco tem que fazer o negro, exceto na ocasião rara dos rodeios.*” (p.128). A respeito da utilização da mão-de-obra do escravo negro na agricultura do trigo no Rio Grande do Sul convém destacar que “*os trigais gaúchos foram, pois, foram trabalhados pela mão-de-obra escrava.*” (Cardoso, 1977. p. 60). Cardoso também destaca o escravo negro sendo usado “*em toda sorte de serviços domésticos e ofícios urbanos,*” além de sua utilização para “*a estância e o charque.*” (p. 60). Segundo Farinatti (2010, p. 348) Obras mais recentes começam a reconhecer que o trabalho escravo, nas estâncias, era importante no próprio costeio do gado trabalhando ao lado de peões livres. Embora ainda sejam raros os estudos monográficos que esclareçam esse assunto com profundidade, como as características da população escrava, demografia, atividades que desempenhavam e as transformações sociais sofridas ao longo do tempo.

historiadores, o maior feito de um grupo armado no Rio Grande do Sul. Em 1822 ocorre o movimento de independência do Brasil. Embora esse evento não tenha provocado conflito armado no Rio Grande do Sul, suas conseqüências políticas reverberaram e podem ter sido decisivas em conflitos armados no decorrer do XIX. Entre 1835 – 1845 ocorre a Revolução Farroupilha decorrente de uma rebelião, por parte dos charqueadores rio-grandenses, contra o Império brasileiro, na busca de melhores preços para seu charque no mercado interno brasileiro. Entre os anos de 1865 – 1870, ocorre a Guerra do Paraguai, na qual a cidade de Uruguaiiana chega ser ocupada pelas forças de Solano Lopes. Motivados pela ação militar paraguaia, Brasil, Argentina e Uruguai formam a Tríplice Aliança contra o Paraguai. Entre 1893 – 1895 ocorre a Gesta Federalista, uma rebelião armada contra o governo Júlio de Castilhos, que insere-se na história como a guerra civil brasileira mais sangrenta, durando trinta e um meses e matando cerca de dez mil pessoas.

Todo este cenário, observado desde meados do século XVII até meados do século XX, marcado por guerras, conflitos e disputas por demarcações fronteiriças, contribuiu à sua maneira e à sua herança para a constituição da identidade do tipo social regional humano, presente tanto na história quanto na literatura, denominado “gaúcho”, peão de estância, do qual, no reflexo da história, reflete o espectro de Blau Nunes.

Esse tipo social humano descrito por João Simões Lopes Neto em *Contos Gauchescos*, e narrado por Blau Nunes, deixa claro que tudo aquilo pertenceu a sua juventude e quem narra é um velho sábio, experiente, “vaqueano”, consciente que de aquele tempo passou, e que no vão desse tempo os valores se depreciaram, aquilo que tanto preza nas histórias, não mais se reconhece na atualidade. Dessa forma começa um movimento no sentido da re-criação de um passado imemorial, imaginado e idealizado. Esse passado heróico, criado à imagem e semelhança de um herói semelhante a Blau Nunes tem início na virada do século XIX para o século XX³⁶, consolidando-se com o marco histórico da fundação do 35 CTG³⁷.

³⁶ Em maio de 1898, o escritor santa-mariense João Cezimbra Jacques funda o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, um movimento que se fez repercutir em outras regiões do Estado. Pelotas cria “União Gaúcha”, no ano de 1899, liderada pelo escritor João Simões Lopes Neto. Bagé cria o “Centro Gaúcho” no mesmo ano, o “Centro Gaúcho Encruzilhadense” em 1902, a “Sociedade Gaúcha Lomba-grandense” (na época pertencente a Novo Hamburgo) em 1938. Em 1943 cria-se o último dessa fase, o “Clube Farroupilha”, na cidade de Ijuí. Santa Maria inaugura o seu “Grêmio

Ele começa em meados do século XIX quando a figura marginal do gaúcho, assim como se imagina que este teria sido no passado, não existia mais, dadas as transformações pelas quais passou e que significaram sua gradativa incorporação como peão de estância. Por volta de 1870, o estado experimentou modificações, econômicas, caracterizadas pelo cercamento dos campos, o surgimento de novas raças de gado, e a disseminação de uma rede de transporte. Essas mudanças significaram uma grande modernização da área da Campanha, acarretando a simplificação das atividades da pecuária e a eliminação de certas atividades servis como as dos posteiros e dos agregados, que acabaram em grande parte sendo expulsos do campo (Oliven, 2006 (a). p.98).

O cenário acima descrito pelo autor, descreve a trajetória pela qual passou a figura do gaúcho, bem como suas expressões diacríticas, de camponês herói. Essa identidade do homem campeiro passou a ser não só representada pela literatura e pela historiografia, com também re-vivida por esses movimentos de cunho artísticos, literários e culturais de maneira geral.

É dessa transição que passo a tratar no terceiro capítulo dessa monografia. As perguntas que tentarei responder são: em que mais se diferenciam os dois personagens? O peão de estância, empregado na empresa rural deste meado do século XXI assemelha-se mais a João ou a Blau? Sua representação, o peão tradicionalista, a quem mais se reporta? Busco, a seguir, compreender as aproximações e distanciamentos entre as duas personagens de que tratei nos dois capítulos anteriores, bem como dissensões e semelhanças dessas personagens com os peões de estâncias da atualidade e seu representativo peão tradicionalista.

Gaúcho” em 22 de dezembro de 1901, e seu primeiro presidente foi o estancieiro e militar João Rodrigues Menna Barreto. (Golin, 1983. p. 31 – 33).

³⁷ O marco histórico inicial, do hoje conhecido, movimento tradicionalista gaúcho se deu no dia 5 de setembro de 1947, quando Barbosa Lessa juntou-se aos oito cavaleiros pilchados, na Praça da Alfândega em Porto Alegre, onde esperavam o jipe do exército que trasladava os restos mortais do General Davi Canabarro desde a cidade de Santana do Livramento, na Fronteira com o Uruguai, até o Panteão do Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Tal iniciativa se dava dentro dos festejos da Semana da Pátria daquele ano e os oito jovens intentavam organizar uma “guarda de honra” aos restos mortais do “herói farroupilha”. Esse grupo, no mesmo ano de 1947, organizou o “Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos” e organizaram a primeira “Ronda Gaúcha” ou “Ronda Crioula”, que se estendeu desde o dia 7 até o dia 20 de setembro. Nessa ocasião, procuraram a Liga de Defesa Nacional, na pessoa do Major Darcy Vignolli (responsável pela organização das festividades da Semana da Pátria), de quem receberam autorização para tomar uma centelha do Fogo Simbólico da Pira da Pátria, antes que essa fosse extinta, ao fim dos festejos, e a levaram para o saguão do Colégio Júlio de Castilhos onde ascenderam, pela primeira vez a “Chama Crioula” em um candeeiro de galpão. (Oliven, 2006, p. 74)

CAPÍTULO III

DE BLAU A JOÃO – O PEÃO HOJE

Em um primeiro momento, parece óbvio que o culto ao gauchismo, que tem sua face mais visível através do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), está ancorado, muito mais numa figura de um gaúcho bravo e heróico retirado das páginas dos *Contos Gauchescos*, do que na figura pobre e desvalida do peão desencorajado de *Porteira Fechada*. Entretanto, a partir de uma análise mais acurada, é possível perceber algumas nuances e desdobramentos que tornam essa análise um pouco mais complexa. O tipo social regional humano, habitante da campanha sul-riograndense, é caracterizado pelo peão de estância. Este grupo social, é formado por

um agregado de homens irmanados pela mesma profissão, a mesma esperança, os mesmos sofrimentos e alegrias. Ganhando pouco, arriscando-se muito, expostos aos azares de um labor que esmaga o corpo e o espírito, se as leis e a literatura deles se compadecem, a sociedade, como um todo, continua a explorá-los. (Cesar, 2005. p. 114).

Neste sentido, João e Blau figuram juntos em uma mesma representação e unificados por um mesmo imaginário. Ambos, embora distante no tempo por quase meio século, habitam um mesmo contexto e desempenham as mesmas funções. Estão, portanto, “irmanados pela mesma profissão”. João Guedes poderia ser, sem sombra de dúvidas, um interlocutor de Blau Nunes em um de seus contos. Blau, em uma de suas tropeadas, poderia ter passado pela Estância dos Salsos, e por lá ter conhecido um certo João, pobre homem que procurava um pedaço de campo para se mudar com a família. Da mesma forma, seria bastante plausível que de uma certa feita, no boliche do Capitão Fagundes, entre uma cachaça e outra, Blau e João estivessem bebendo sobre o mesmo balcão. O segundo, ouviria com atenção as aventuras e os causos do primeiro. Até certo ponto, eles podem ser muito mais iguais do que se pensa. Suas aproximações podem ser bem maiores que seus distanciamentos. Blau, ora teve um “campito”, ora foi um sem teto como João. Dormia ao relento, como ocorrera em “Trezentas Onças”.

No imaginário e na representação criados a partir dessa identidade, os

(...) gaúchos são necessariamente homens, e virilidade é condição de ser gaúcho. O gaúcho tem o domínio sobre o selvagem, identificando a si próprio com o selvagem, com a força, com poder e natureza. (...) O gaúcho, em seu cavalo, sozinho no campo aberto tem o sentimento de domínio sobre o mundo ao seu redor (Leal, 1992. p. 148 – 149).

Assim, pode-se compreender a maior das diferenças entre ambos. Blau é produzido e re-produzido no imaginário e nas representações acerca do homem do campo, porque sua identidade é viva pela narrativa que conta. Já com João, acontece o contrário. Sua identidade foi sepultada quando ainda estava vivo, quando vendeu seu cavalo e seus arreios tornando-se, nas palavras do autor, um gaúcho de a pé. No estudo da pesquisadora Ondina Fachel Leal³⁸, podemos obter uma resposta para em que mais se distinguem as duas personagens.

Enquanto Blau é um homem perto dos noventa anos, e através da narrativa de seus contos e causos faz reviver sua identidade. Sempre lutando, tropeando, jogando, montado a cavalo, é um homem vivo através de suas memórias e de suas reminiscências. Já João Guedes é encontrado morto no começo da narrativa. E mesmo que não o fosse, sua identidade foi morrendo no decorrer da história. Mas o que interessa aqui não é só a sua morte, mas a forma como morreu. Um tiro de arma 44 que lhe desfigurou o rosto. Ou seja, sua identidade que não mais existira em vida, agora também o desfigurava morto. Leal (1992) estudou sobre honra, morte e masculinidade na campanha social gaúcha. Relacionou a identidade do homem do campo, peões das estâncias, com a morte e o suicídio naquela região e entre aquelas pessoas. Embora João Guedes tenha sido encontrado morto em circunstâncias estranhas, não se sabendo se tenha morrido ou se suicidado, o estudo da pesquisadora, pode ser uma espécie de chave para se compreender a morte da identidade de João Guedes, e a sua conseqüente invisibilidade, e a vida e a reprodução, no imaginário e nas representações acerca do gauchismo, da identidade de Blau Nunes.

A pesquisadora relata que a morte sempre fora um assunto relevante que se impunha sobre seu trabalho de campo e identificou, na região da campanha, onde

³⁸ Pesquisa etnográfica realizada entre trabalhadores rurais da pecuária extensiva, na região do extremo sul do Brasil e norte do Uruguai, e apresentado como Dissertação de PhD em Antropologia para a Universidade da Califórnia, Berkeley, em setembro de 1989, sob o título *The gauchos: male culture and identity in the pampa*.

realizava pesquisa, algumas peculiaridades. As mortes se davam em circunstâncias particulares: o suicídio atingia índices representativo e fugia em média geral da população do Estado. Esse tipo de morte, o suicídio, era cometido por um percentual praticamente desprezível por mulheres e mais por homens, de modo geral. Eram, em sua maioria homens, solteiros, com mais de 40 anos de idade e trabalhadores rurais. Esses dados não estavam de acordo com os estudos clássicos sobre suicídio, que relacionavam esse tipo de morte como um fenômeno essencialmente urbano. Então, os dados apontavam para um tipo de morte muito específico: suicídio, por enforcamento, de homens com mais de quarenta anos, solitários **t**rabalhadores da pecuária extensiva da fronteira do Brasil com o Uruguai. Ou seja: o *suicídio é rural, masculino e por enforcamento* (Leal, 1992. p. 142)

Na busca de respostas que solucionassem essas questões, e que são as mesmas que respondem àquelas formuladas no terceiro capítulo desse trabalho monográfico, quais sejam, onde mais se diferenciam as identidades de João e Blau, a pesquisadora chegou às seguintes conclusões: em primeiro lugar, o peão decide a hora de morrer. Em segundo lugar, escolhe uma morte sem sangue. Em terceiro lugar, morre distante do chão. E em quarto lugar, morre em pé. Ela constata que este tipo de morte confere ao homem um importante significado de desprendimento e independência em relação à vida, quando ele próprio escolhe a hora que deve morrer: em pé, sozinho, no campo e sem derramar sangue. Por último, há toda uma significação do laço³⁹ e o uso dele para cometer o suicídio.

Até chegar à morte física, de fato, há toda uma construção de morte social, exatamente como no caso do peão João Guedes.

O gaúcho, cavaleiro dos pampas, montado em seu cavalo constrói para si próprio em suas tarefas cotidianas um mundo que ele domina. Ele experimenta sentimentos de domínio sobre a natureza, sobre sua própria vida e seu destino. Quando ele começa a perder sua força física, quando ele não é mais capaz de segurar o boi com o laço, quando ele começa a perder na disputa corpo-a-corpo que ele trava diariamente com o animal – neste momento, ele pensa sobre a morte. (Leal, 1992. p. 145)

Ao escolher o momento e a forma específica de morrer, os peões constroem simbolicamente uma morte, que segundo a sua lógica, é digna e honrosa. Ao

³⁹ Corda trançada de quatro tiras de couro cru vacum. Instrumento de trabalho. Serve para apreender animais no campo. (Bossle, 2003. p. 295-296)

escolher morrer de uma forma que não ocorra sangramento⁴⁰, os peões re-afirmam sua condição humana. No ofício de peão campeiro há um convívio muito próximo com os animais. Desde animais que se caça até animais que se abate para consumir sua carne. Dessa forma, sangrar significa uma espécie de animalização de sua condição. Quem sangra é a caça, o boi, a ovelha, e essa não é a sua condição.

Ao morrer distante do chão e em pé, sem que seus pés toquem o solo, os peões re-afirmam simbolicamente sua masculinidade. Morrer ao chão ou deitado, remete à condição dos perdedores em combate, abatidos em lutas ou até mesmo à condição feminina de morrer na cama, em decorrência de um parto ou de uma doença. Ao permanecer em pé, e em até certo ponto, sem uma marca física que lhe tenha determinado a morte, como cortes, ferimento de bala, marcas de agressões, os peões mantêm sua condição tesa, íntegra. Morrer em pé reforça sua virilidade, morrer ereto e afastado do chão, re-afirma sua masculinidade, sua identidade de macho, de força, de peão.

Por toda sua vida o gaúcho evita laços (idem). E é justamente através dele que escolhe morrer. Na vida perigosa da estância, exposto às intempéries, aos animais bravios, a doma de animais chucros⁴¹, o laço é o instrumento de trabalho por excelência do homem da campanha. E é justamente através dele que escolhe morrer.

Enquanto Blau Nunes celebra sua identidade viva através de suas narrativas onde são exaltadas qualidades como força, valentia, virilidade, João Guedes é encontrado morto sobre a encosta de uma sanga, com o rosto desfigurado por tiro de grosso calibre. Mas porque João Guedes morreu da forma que morreu e não da forma específica do estudo de caso descrito anteriormente, já que na própria história há outros dois casos de suicídio, e estes por enforcamento⁴²? A conclusão a que

⁴⁰ A critério de ilustração, cabe aqui fazer uma relação com o suicídio dos samurais japoneses do fim da Idade Média ocidental, que cometiam um tipo de suicídio sagrado e ritualístico, o seppuku, que consideravam uma morte dolorosa e honrada perfurar o próprio ventre usando uma espécie de espada denominada katana. Essa comparação vem no sentido de reforçar a especificidade do suicídio por enforcamento, uma vez que os peões de estância também possuem um instrumento semelhante à arma japonesa, a faca ou a adaga, por exemplo.

⁴¹ Chucro ou Xucro. Animal não domado, bravio, selvagem, esquivo. (Bossle, 2003, p. 152 e 531)

⁴² O próprio João Guedes presenciou a morte do vizinho de campo, Seu Bento, que suicidou-se por enforcamento retirando-lhe o corpo que estava dependurado em um galho de árvore. Outra passagem na história que remete ao suicídio por enforcamento é em pesadelos do Capitão Fagundes “*Aquilo não podia continuar assim. Um dia era bem capaz de fazer uma loucura! Mas,*

chego é a de que ao ser encontrado morto, João Guedes não mais existia socialmente. Sua identidade de peão se desfizera tempos antes quando vendeu seu cavalo e posteriormente seus arreios⁴³. Sua honra, sua masculinidade desfizeram-se juntamente com sua condição de peão. Morreu negando tudo aquilo que a pesquisadora encontrou em seus pares. Morreu fugindo da situação difícil, da penúria em que se encontrava. Morreu ensangüentado por um tiro de grosso calibre, caído ao chão, desonrado, derrotado, desmoralizado.

Fazia agora dois meses que se achava em liberdade, porém se achava mais prisioneiro que nunca. Tinham sido dois meses terríveis, esses. Perdera a filha, vendera o cavalo, vendera os arreios, Maria José secava dia-a-dia, passavam fome. (Martins, 2008, p. 131)

Compreendo assim, que ao morrer, ou matar-se, João Guedes não mais possuía sua identidade de peão. Era mais um pobre, faminto, desolado, habitante dos arredores de um aglomerado urbano da campanha gaúcha. Um homem sem identidade, sem trabalho, um gaúcho a pé.

Como já tive a oportunidade de demonstrar, o gauchismo, cuja manifestação mais visível é o tradicionalismo, é uma espécie de re-memoração de uma história de uma sociedade tradicional. Tanto Blau quanto João fazem parte dessa sociedade. No entanto, Blau, pela positivação de sua identidade, se configura hoje, muito mais do que João, em uma espécie de modelo a que mais se reportam as manifestações tradicionalistas.

Cabe aqui fazer uma distinção entre cultura tradicional e cultura tradicionalista. De forma geral, aquilo que está estagnado no passado é a cultura tradicional. A cultura tradicionalista evolui, se reinventa, se renova, sempre que possível, com base em elementos tradicionais. Para Lessa, *com base na cultura tradicional – (...) – teríamos de criar uma cultura tradicionalista, adaptável às mais diversas situações de tempo e espaço* (Lessa, 1985. p. 63). Assim, conforme o autor, o tradicionalismo criou uma cultura tradicionalista que re-vive e re-memora um tempo e um espaço históricos.

O peão de estância é uma identidade essencialmente rural, pertencente a uma sociedade tradicional, representada tanto em *Contos Gauchescos*, quanto em

de que jeito? Enforcado? (Martins, 2008, p. 78)

⁴³ Como já citado e descrito na Capítulo I.

Porteira Fechada. O tradicionalismo é um fenômeno essencialmente urbano, é um movimento cultural criado sobre as identidades produzidas por àquela sociedade tradicional. O peão de estância e a sua representação, o peão tradicionalista; não mais possuem uma distinção visível, uma diferença clara no sentido de uma dualidade: real e representação. Como observei em minha pesquisa para dissertação de mestrado⁴⁴, se fundem em uma circularidade de fluxos interpretativos sobre a figura emblemática dos gaúchos, peões de estância. Isso foi possível de constatar comparando as representações tradicionalistas e as práticas dos peões de estância, as projeções e interfaces entre o peão simbólico (tradicionalista) e o peão real, suas aproximações e seus distanciamentos, seus universos simbólicos compartilhados, disputados ou dissociados.

Ao realizar a pesquisa, transitavam em minha memória as figuras das personagens principais de *Contos Gauchescos* e de *Porteira Fechada*. Minha etnografia se deu, tanto no meio urbano, quanto em estâncias da Região Central e da Fronteira. Compreendi, dessa forma, uma das mais impressionantes manifestações ancoradas ao gauchismo e à cultura gaúcha de maneira geral: os rodeios de tiro-de-laço. Neles, não se pode diferenciar o real de sua representação. Nesses rodeios⁴⁵, o homem do campo, o gaúcho campeiro, é reconstruído e revivido. Ali não há as manifestações denominadas artísticas⁴⁶, ali é produzida e reproduzida a própria imagem do gaúcho campeiro. A imagem encontrada é a do homem do campo, peão de estância. A cena da estância é quase completa. O homem, o cavalo, o gado e o laço. O Laço, que é seu instrumento de trabalho, apresenta-se, nesse cenário, não como peça decorativa, mas em ação. Seus praticantes constroem com isso, um cenário absolutamente verossímil. Saber atirar o laço é instrumentalizar-se naquele ofício. É fazer parte daquele meio. É estar

⁴⁴ “*De bota e bombacha: Um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo*”. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia (UFSM – 2009).

⁴⁵ O termo “rodeio”, em seu sentido original, significa “*Lugar no campo ou de uma estância (...) onde usualmente se reúne o gado com a finalidade de marcar, assinalar, vacinar, dar sal, contar, apartar, curar, castrar, examinar, etc.*” (Bossle, 2003. p. 449). O termo “rodeio” é ambíguo no cenário do gauchismo. Atualmente o termo refere-se a um evento específico, de caráter competitivo e socializador entre praticantes do tiro de laço e outras lides que referendam a vida e o trabalho dos homens do campo. Convém ressaltar, a título de ilustração, que não só no Rio Grande do Sul, mas também os *cowboys* americanos, *cowboys* australianos, e no Brasil os sertanejos e pantaneiros do centro do país, os caipiras e os nordestinos utilizam-se do termo com o mesmo sentido e significado.

⁴⁶ Manifestações artísticas entendidas como dança, declamação, canto. Os próprios CTGs separam os setores em Invernadas Artísticas e Campeiras. Os rodeios de tiro-de-laço são organizados pelas Invernadas Campeiras.

conectado àquele mundo. É pertencer àquela identidade. O cavalo, a roupa, a habilidade com o laço aumentam o vínculo dos indivíduos com aquele grupo. São os meios pelos quais se constroem as relações sociais, que levam os indivíduos a interagir e a construir determinadas sociabilidades. O mundo da campanha não é apenas re-memorado ou representado. Ele é revivido, recriado em quase todos os seus elementos. É o gaúcho a pé, homem urbano, que trabalha em outra atividade diversa de qualquer uma que remeta ao mundo rural; é também o peão de estância, trabalhador rural que praticam a atividade. São homens que vivem a dura rotina das estâncias de hoje, Joões Guedes da modernidade, que revivem, através da prática do tiro-de-laço, nos rodeios dos arredores urbanos, seus momentos de Blau Nunes do século XIX.

A letra da música “Mágoas de Posteiro” remete ao fato de que não só os tradicionalistas urbanos se transformaram em homens a pé, pela distância que vivem do mundo rural, mas também os próprios trabalhadores da agricultura e da pecuária, pequenos proprietários, peões, tornaram-se a pé e despossuídos, devido às modificações ocorridas nas relações econômicas e sociais impulsionadas pelas transformações tecnológicas do mundo moderno.

Mágoas de Posteiro

Voltei ao rancho da querência onde nasci.
Vinha ao tranquilo assobiando um vaneira.
Não vi ramada, não vi rancho, nem mangueira.
Pensei comigo - com certeza me perdi!

Campo lavrado no lugar que era potreiro,
campo lavrado no pelado do rodeio,
e o braço erguido de um pedaço de um esteio.
- Adeus pra sempre do meu rancho de posteiro!

Berro de gado, rincho de potro, canto de galos, riso de gente.
Tenho passado, perdi o presente.
Beira de povo, meu tempo é outro.

O ronco estranho de um trator substituindo
a voz dos pastos, da ternura e da inocência.
Monoculturas tenazmente destruindo
memória e campo que roubaram da consciência.

Eu tenho ganas que esse maula sem respeito,
que fez lavoura da internada onde eu vivia.
E de arrancar as gramas verdes de poesia
deste Rio-grande que carrego no meu peito.

(LP *Canto dos Livres*, 1983)

A letra da música mostra um peão que volta, tempos depois, ao “posto” onde nascera. Lá encontra um cenário completamente diferente do que deixara. Assim como João, Blau também fala de um tempo em havia muito mais alegria e vida na campanha. Embora Blau não pareça um desgraçado, também dá a entender que o que narra é um tempo que não existe mais. Passagens como ‘*a tapera do João Guedes’ um antigo posto da Estância dos Salsos* (Martins, 2008, p. 54), em *Porteira Fechada* e *ali é a tapera do Mariano* (Lopes Neto, 1957, p. 138), em *Contos Gauchescos*, confirmam essa afirmação. Chiappini (1988) demonstra que *na sua viagem-narrativa, Blau – no contato com essas ruínas, para ele e, como ele, vivas, porque testemunhas de um passado que não está morto na memória* (p. 299). O narrador recria um tempo e uma história que não mais existem de fato.

O adeus para sempre ao “rancho de posteiro” mostrado pela letra da música acima aproxima as identidades e torna idênticos Blau e João. Idênticos não só um ao outro, como também ambos ao homem do campo deste meados do século XXI. O ronco estranho de um trator agora substitui o arado de João Guedes, da mesma forma que o progresso tecnológico ceifou “a voz dos pastos, da ternura e da inocência” da narrativa romântica, edênica de Blau Nunes. Assim, a monocultura, o latifúndio, e as transformações sócio-econômicas descritas no Capítulo I, são as mesmas para os dois peões, os torna iguais, e iguais também ao homem do campo contemporâneo.

As transformações sociais e econômicas que descrevi atingiram de forma semelhante as duas personagens. Ambas se transformaram, cada uma em seu tempo, e quase desapareceram do cenário sócio-econômico a que pertenciam, devido às transformações ocorridas no campo. Porém, isso não se deu por completo. Sobrevivem, um como trabalhador rural dos dias atuais e outro como imagem cultuada por um movimento social e cultural. Embora João Guedes tenha sido re-elaborado social e economicamente, sobrevive na realidade da campanha contemporânea. O peão depauperado que encontrei em minha etnografia já mencionada possui uma identidade muito próxima da personagem de Cyro Martins.

Um pouco diferente ocorre com Blau. Este, por sua vez, foi reelaborado culturalmente e representado pelo culto ao passado. Pelo heroísmo de sua narrativa, passou a ser representado e re-vivido através do culto à sua identidade⁴⁷. Mesmo assim, compreendo que a imagem positivada de Blau, não passa, na verdade, do reflexo da figura de João, uma vez que em sua “essência”, de peão pobre, trabalhador rural, são re-elaborações de uma mesma identidade.

⁴⁷ Desde o Partenon Literário, em (1868), passando pela criação do 35 CTG, em 1948, até a fundação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) em 1964.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é um exercício monográfico de caráter ensaístico. Segundo a MDT da UFSM uma monografia *trata-se de um estudo que versa sobre um assunto/tema. Seguindo uma metodologia, apresentado mediante uma revisão bibliográfica ou revisão de literatura* (MDT, 2010). Esse foi exatamente o meu propósito: apresentar o tema do gauchismo e das representações acerca dos peões de estância, a partir de duas obras literárias, datadas do início do século XX. A partir da literatura e acrescentando minha pesquisa como etnógrafo na paisagem social rio-grandense, arrisco aproximações entre os diferentes materiais, esboço hipóteses quanto à permanência de símbolos do passado.

Minhas pretensões são modestas, não tenciono aqui, evidentemente, alcançar o grau de abstração e erudição de uma dissertação ou uma tese que tenham abordado semelhantemente o assunto. Além disso, acredito que meu domínio acerca dos temas literários ou históricos esteja ao nível de um iniciante. Por essas razões, acredito que esse ensaio monográfico seja um exercício necessário e significativo para uma primeira investida sobre os temas propostos.

Da mesma forma, meus conhecimentos sobre as obras tratadas nesse texto inserem-se muito mais no contexto de um leitor apaixonado pela temática, do que de um pesquisador criterioso acerca das obras. Nesse sentido, a orientação monográfica foi fundamental. Desde os primeiros contatos, antes ainda com o professor Vécio, e posteriormente como o professor Vítor, foi-se descortinando uma série de possibilidades, bem como também uma série de limitações para a feitura do meu trabalho. Primeiro, a dificuldade de me adequar ao discurso, à linguagem do discurso histórico, uma vez que minha formação é em antropologia. Depois, a limitação da própria proposta de abordagem que dava ao meu objeto: trabalhar com a aproximação do discurso histórico como discurso literário, aproximar história e literatura, fazer desse um exercício possível. Se é que podia ser essa proposta possível. A meu favor, possuía um forte desejo de transformar em objeto de estudo, um tema de que gostava tanto. Assim, realizar o trabalho foi acima de tudo, uma grande satisfação.

Com esse texto não tenho a pretensão de elaborar um argumento conclusivo sobre o tema da minha pesquisa. Ao contrário disso, estabeleço o contexto de onde vislumbro a possibilidade de novas abordagens. Trabalhar com fontes literárias como subsídio para compreender um determinado enquadramento teórico pode, na maioria das vezes, enriquecer a pesquisa, diversificando as fontes, desde que mantido o rigor metodológico da abordagem científica. Para esse fim, é necessário ter em conta o que Pierre Bourdieu denomina Vigilância Epistemológica. *A vigilância epistemológica impõe-se, particularmente, no caso das ciências do homem nas quais a separação entre a opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa do que alhures* (Bourdieu, 1999. p. 23). Esse é um exercício tão difícil quanto necessário. Sobretudo no meu caso, que possuía um forte envolvimento pessoal com o tema de estudo. Segundo o autor é necessário pôr-se em suspenso todas as construções vulgares e as pré-noções que, por ventura, possam interferir na abordagem do objeto de estudo e na construção do texto. O rigor metodológico e científico dependem, portanto, de um constante cuidado com os métodos e as técnicas, de um constante vigiar das construções e desconstruções teórico-metodológicas.

Entretanto, isso não significa, necessariamente, uma limitação da criatividade e das possibilidades do trabalho científico. É necessário também uma certa liberdade epistemológica. Wright Mills traz a idéia de que devemos evitar o *fetichismo do método e da técnica.*” Para esse autor, *“é imperiosa a reabilitação do artesão intelectual despretensioso, e devemos tentar ser, nós mesmos, esse artesão.* E nesse sentido, é possível e necessário *que cada homem seja seu próprio metodologista; que cada homem seja seu próprio técnico; que a teoria e o método se tornem novamente parte da prática de um artesanato.* Por tudo isso, penso que, embora nunca devamos perder de vista a importância do rigor metodológico, de um trabalho científico probo, ainda assim, é imprescindível defender *o primado do intelectual individual; sejamos a mente que enfrenta, por si mesma, os problemas do homem e sociedade* (Mills, 1975. p. 240).

A constatação a que cheguei, ao final desse trabalho, é a de que embora escritos em momentos diferentes, por escritores de diferentes estilos, os dois personagens centrais das obras *Porteira Fechada* e *Contos Gauchescos* possuem mais semelhanças do que diferenças. O fato de as representações e o imaginário

acerca da identidade dos homens do campo, peões de estância, estarem muito mais ancorados na figura mítica de Blau, possuem uma espécie de essência psicológica do despossuído João Guedes. Como demonstrei, essas representações e esse imaginário, na contemporaneidade, podem ser encontradas tanto nos meios tradicionalistas, mais vinculado ao peão simbólico, quanto entre os peões reais, empregados do setor rural da campanha moderna.

A aproximação entre o campo e a cidade, bem como a urbanização da vida como um todo, típicas do mundo de hoje, aproximam essas duas identidades. Peões simbólicos e peões reais, os “trabalhadores polivalentes” das estâncias e as suas representações, os peões tradicionalistas filiados ao movimento tradicionalista, aproximam-se como Blau e João. João Guedes, o gaúcho a pé, e Blau Nunes, o centauro do campo aberto, são na verdade a mesma identidade. Embora a representação mitifique⁴⁸ a realidade, em sua essência, são o mesmo peão, a mesma identidade. Como mencionei no começo do Capítulo III, todos esses peões são um agregado de homens irmanados pela mesma profissão, com os mesmos ideais de vida, as mesmas visões de mundo. São espoliados, explorados, seviciados por uma sociedade que, desde muito tempo, lhes esmaga o corpo e o espírito. Se sua representação e o imaginário criado sobre sua imagem refletem o espectro Blau Nunes, o mundo real, o mundo do trabalho em sua realidade de fato, aquele que se vê refletido, é na verdade, João Guedes.

⁴⁸ Mito aqui não é empregado no sentido de inverdade. Entendo aqui “mito” do ponto de vista antropológico. Sobre a história do gaúcho campeiro, do homem do campo, criou-se uma narrativa mítica que dá conta de uma realidade atual, o “gaúcho herói”. Segundo Rocha (1988), “*embora o mito possa não ser a verdade, isto não quer dizer que seja sem valor*” (p.14), o autor entende que o que realmente é relevante é a *eficácia* do mito. Ou seja, “*aquilo que se conta sobre o mito, sua narrativa, é o que realmente interessa, pois serve de estímulo capaz de conduzir e mobilizar tanto o comportamento quanto o pensamento dos seres humanos no lidar com suas realidades existenciais*” (Howes Neto, 2010, p. 57).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

BARROS, Felisberto. *O dia-a-dia na fazenda*. Editora Palloti. Santa Maria: 1996.

BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau. *Colônia*. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. V. 1. Ed. Méritos. Passo Fundo: 2006.

BOSSLE, Batista. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Editora Artes e Ofícios. Porto Alegre 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRAZ, Evaldo Muñoz. *Retratos do gaúcho antigo: a gênese de uma cultura*. Martins Livreiro Ed. Porto Alegre: 2002.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra: 1977.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e Invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737 – 1902)*. Porto Alegre: Editora Globo. 1971.

_____. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1980.

_____. *Origens da economia gaúcha (o boi e o poder)*. Coleção Meridionais. IEL Ed. Corag. Porto Alegre: 2005.

CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto do tempos – Literatura e História em João Simões Lopes Neto*. Editora Martins Fontes. São Paulo: 1988.

DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da província de Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão/ EDIPUCRS. 1990.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FARINATTI, Luiz Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira meridional do Brasil*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. LCT. Rio de Janeiro. 1989.

GOLIN, Tau. *A ideologia do Gauchismo*. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia Rio-Grandense*. Editora UFRGS. Porto Alegre. 1992.

_____. *O Gaúcho e sua cultura*. in. BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau. *Colônia*. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. V. 1. Ed. Méritos. Passo Fundo: 2006.

HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital 1848 – 1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOWES NETO, Guilherme. *De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo*. Dissertação de Mestrado (PPGCS / UFSM), 2009.

_____. *O MTG e o Tradicionalismo*. In ZANINI, Maria Catarina Chitolina. (org.) *Antropologia: trajetórias de pesquisas etnográficas*. Santa Maria: FACOS, 2010.

LEAL, Ondina Fachel. *Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha*. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves. ORO, Ari Pedro. (orgs). *Brasil e França: Ensaio de Antropologia Social*. PPGAS - UFRGS, n. 6. 1992.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. LP&M/ Coleção Universidade Livre. Porto Alegre: 1985.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 5ª edição. 1957.

_____. *Contos gauchescos*. 9ª ed., Porto Alegre: Globo, 1976. (Col. Província).

LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. Editora Perspectiva. São Paulo: 1975.

MARTINS, Cyro. *Estrada Nova*. Trilogia do Gaúcho a Pé III. Porto Alegre: Território das Artes: CORAG. 2008.

_____. *Páginas Soltas*. Ed. Movimento. Porto Alegre: 1994.

_____. SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Editora Movimento. Porto Alegre: 1990.

_____. *Porteira Fechada*. Trilogia do Gaúcho a Pé II. Porto Alegre: Território das Artes: CORAG. 2008.

_____. *Sem Rumo*. Trilogia do Gaúcho a Pé I. Porto Alegre: Território das Artes: CORAG. 2008.

NEDEL, Letícia Borges. *Um Passado Novo para uma história em crise: Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948 – 1965)*. Tese. Doutorado em História UnB. Brasília: 2005.

OLIVEN, Ruben George. *A Parte e o Todo*. Petrópolis, Vozes, 2006 (a).

_____. *A Polêmica da Identidade Gaúcha*. Cadernos de Antropologia, Nº 04 UFRGS, 1992 (a).

_____. *A Fabricação do gaúcho*. Cadernos CERU. Série II. Nº1. São Paulo. 1985.

_____. *A antropologia e diversidade cultural no Brasil*. Brasil e França: Ensaio de Antropologia Social. In. Sérgio Alves Teixeira. Ari Pedro Oro (orgs). Ed UFRGS. RS. 1992 (b).

_____. *Fronteiras Culturais*. p. 207 – 217. in CHIAPPINI, Lígia. MARTINS, Maria Helena (organizadoras). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*.

Editora Hucitec. São Paulo: 2006 (b).

_____. *O Renascimento do Gauchismo*. In: Nós, os Gaúchos, Ed. da Universidade, 1992 (c).

ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos. A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. Prefácio de Érico Veríssimo. 4ª ed. Martins Livreiro. Porto Alegre: 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 6ª ed. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1992.

REVERBEL, Carlos. *O Gaúcho – Aspectos da sua Formação no rio Grande e no Rio da Prata*. Coleção Universidade Livre. Editora L&PM. Porto Alegre: 1986.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. Coleção Primeiros Passos. Ed Brasiliense. São Paulo: 1988.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Martins Livreiro. Porto Alegre: 2002.

TORRONTÉGUY, Teófilo Otoni Vasconcelos. *As origens da pobreza no RS*. Porto Alegre. Mercado Aberto/ Instituto Estadual do Livro. 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA / MDT / Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. 7 ed. ver. E atual. Santa Maria: Ed. UFSM. 2010.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. *História e Literatura: a Porto alegre dos anos 30 a partir de “Os Ratos”*. Bauru: USC, 1995.

MILLS, Charles Wrigth. *A imaginação sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 3ª edição. 1975.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Org. Sergius Gonzaga. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1980.

_____. *Literatura Gaúcha – Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Coleção Universidade Livre. Editora L&PM. Porto Alegre: 1985.

FONTES VIRTUAIS

< <http://www.celpcyro.org.br> >

< <http://www.paginadogaicho.com.br/> >

< <http://www.paginadogaicho.com.br/bibli/contosg.htm> > Contos Gauchescos

< <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/> >

< www.mte.cbo.gov.br > Código Brasileiro de Ocupações

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto: uma biografia*. Porto Alegre: AGE Editora, 2003.

Disponível em

<http://books.google.com.br/books?id=R6ZV9yZ2BMIC&pg=PA276&lpg=PA276&dq=adail+morais+blau+guedes&source=bl&ots=YrHku9MLnC&sig=D8uaWWknCgOsu3pCJ112CUP5Ogs&hl=pt-BR&ei=dTQvTa2UF8T3gAe9xrRa&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBkQ6AEwAA#v=onepage&q=adail%20morais%20blau%20guedes&f=false>

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. Rio Grande do Sul. Secretaria do Estado da Cultura. *Autores Gaúchos. Cyro Martins*. Volume I, 6ª edição. Porto Alegre: ULBRA. AGE Editora. 1995).

Disponível em

<http://books.google.com.br/books?id=7v2tV9POE_MC&pg=PT7&lpg=PT7&dq=afino+u+minha+sensibilidade+para+a+pesquisa+da+alma+humana,+sobretudo+porque+nunca+fiz+regionalismo+no+sentido+pitoresco+e+sim+para+buscar+o+que+havia+de+universal+naquele+homem+singular+que+era+o+ga%C3%BAcho+a+p%C3%A9&source=bl&ots=SWfnYGttho&sig=Lt8dts6wnEMs3eDTwA5RmuVxo0Y&hl=pt-BR&ei=jYAwTcPSNpDpgAef3vnjCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=7&ved=0CD0Q6AEwBg#v=onepage&q&f=false>

FONTES DISCOGRÁFICAS

Mágoas de Posteiro. Chamarrita, Cenair Maicá e Jayme Caetano Braun.

LP Canto do Livres, ISAEC Estúdios, Porto Alegre. 1983.